



Waldonys
Cantor

ESQUADRI...

// Waldonys José Torres de Menezes

Um delicioso vôo através das histórias cheias de humor desse eterno moleque atrevido

Nascido para os livros por querer à mãe, atreveu-se a tocar e virou sanfoneiro por querer a música. Nascido em terra por força de gravidade, atreveu-se a voar e se doou ao céu por força de paixão. Nascido obediente por honrar o pai, atreveu-se a mudar e virou moleque em obediência ao rei.

Assim é Waldonys José Torres de Menezes, um homem em constante construção, um aluno em eterno aprendizado, um avião em vôo permanente. Um moleque atrevido, como muito bem descreveu o rei Luiz Gonzaga, cujos ouvidos treinados logo perceberam o talento desabrochando por trás dos óculos "fundo de garrafa" e a molecagem escondida atrás daquela timidez, do receio de transgredir.

Por medo, escondeu do pai a paixão pela sanfona, descoberta por acaso, mas já surpreendente, sendo flagrado pelos pais, "seu" Eurides e dona Joana, quando dedilhava os primeiros acordes de Asa Branca, considerada uma música muito difícil de ser tocada por um iniciante das artes do acordeon.

E foi justamente por não gostar de seguir parâmetros, que Waldonys não começou a tocar como a maioria dos acordeonistas. De acordo com as palavras de "seu" Luiz, que é como o sanfoneiro respeitosamente se refere ao rei do baião, o menino "começou a construção da casa pelo telhado, quando deveria ter começado pelo assoalho".

Independentemente de como a "casa" musical de Waldonys tenha sido construída, não se pode negar que ela alcança patamares cada vez mais altos, pois ele nunca gostou de se sentir preso ao chão. Seja com relação à música ou à vida, para o sanfoneiro, o céu sempre foi não somente o objetivo, mas a base.

Desde cedo, o menino percebeu que adoraria cantar as belezas de sua querida cidade natal, mas nenhuma fortaleza, por maiores os muros, o seguraria por muito tempo no mesmo lugar, pois Waldonys é o tipo de homem que possui raízes, mas não amarras.

Nele, a obediência caminha de mãos dadas com a transgressão, e justamente aquilo que poderia parecer antagônico faz o moleque crescer dentro do homem e a vida se

apresentar mais prazerosa a cada vez em que a morte é desafiada.

Um dos melhores pilotos do Ceará, aviador acrobático e instrutor de vôos; nas nuvens, Waldonys mostra que só se dedica a algo se for para fazer com perfeição, tanto que foi um dos poucos pilotos civis no Brasil a sentir o doce gostinho de voar com a Esquadrilha da Fumaça.

Sempre em busca de aventura, ele procura através dos saltos de pára-quedas suprir a necessidade que sente de adrenalina, não pensando duas vezes antes de se lançar de aviões a mais de 10 mil pés de altura, mesmo sabendo que isso contraria imensamente a família dele. Nesses momentos, quem comanda é o moleque atrevido.

Entretanto, o menino tímido e obediente que se esconde por trás da capa de rebeldia se torna completamente visível quando o sanfoneiro fala de "seu" Eurides: "(...) não posso discutir com ele. O pai é o pai".

E foi justamente através do pai que Waldonys descobriu a sanfona, segundo o próprio sanfoneiro, a maior paixão: "Aviação tá ali, colado, na ala, mas a líder é a música". Esse amor incontido o levou a alçar vôos cada vez mais altos e a dividir o palco com alguns dos maiores músicos do país.

Mas é também através da música que o sanfoneiro mostra a dualidade que lhe é característica, mesclando em seus shows clássico e popular, aprendizado e dom, técnica e coração. Este último em concentrações infinitamente maiores, pois é notório o quanto o músico ama e se dedica ao que faz, levando multidões a aplaudirem de pé o seu talento.

Talvez seja justamente por essa mistura de atrevimento e obediência que o moleque tenha sido agraciado com tantos padrinhos, os quais contribuíram, cada um com sua "pitadinha", para a construção desse grande gênio da música brasileira, esse cearense "arretado", esse homem-paixão que é Waldonys José Torres de Menezes. Um universo de opostos, onde a segurança de quem sabe ser um dos melhores sanfoneiros do Brasil jamais ofusca a simplicidade que o torna capaz de se autodenominar um eterno aprendiz.

Ficha Técnica

Equipe de Produção:
Isabele Pequeno
Ivna Bessa
Gustavo de Negreiros

Entrevistadores:
Alinne Rodrigues
Ana Karolina Assunção
Diego Silveira
Edwirges Nogueira
Giselle Soares
Isabele Pequeno
Ivna Bessa
Lucíola Limaverde
Gustavo de Negreiros
Síría Mapurunga
Talita Christine
Thiago Mendes

Texto de abertura:
Isabele Pequeno

Fotografia:
Alinne Rodrigues



Entrevista com Waldonys José Torres de Menezes feita em 17 de maio de 2008.

Gustavo – Waldonys, pra começar, eu queria que você falasse um pouco da sua infância, em Fortaleza, na sua escola...

Waldonys – Rapaz, é o seguinte, até os dez anos, era uma criança normal como qualquer outra. Brincava e tal, corria, pulava, fazia as peripécias normais. Eu não diria nem até os dez, até os nove, que foi quando eu realmente comecei a mexer com a história da música. E tocar triângulo, zabumba, instrumentos mais percussivos no grupo do pai (*Eurides*), que vivia tocando, ensaiando, mas não tinha show nenhum, porque era um hobby, uma brincadeira.

Gustavo – E na escola? A produção apurou a informação de que você era um pouco inquieto na escola. Como era isso?

Waldonys – É, não é que eu gostava de repetir ano não (*risos de todos*), é porque eu sempre me apegava muito às professoras... (*risos*). Eu realmente não fui um exemplo de aluno, era muito bagunceiro. Na realidade, não era muito chegado a estudar, mas assim mesmo ainda fiquei um bom tempo preso ali no Colégio 7 de Setembro (*rede de colégios particulares de Fortaleza*). A sala da diretoria já tinha quase uma cadeira com o meu nome. Quase todo dia eu ia pra diretoria (*risos*).

E aí, a mãe (*dona Joana*) me tirou do 7 de Setembro e me colocou no Júlia Jorge (*antigo colégio de Fortaleza vinculado à CNEC – Campanha Nacional de Escolas da Comunidade*), que, comparando com o 7 de Setembro, era um colégio bem... (*dá idéia de ser de qualidade inferior*). A mãe fez isso pra dar tipo um corretivozinho, um castigo. Só que aí foi que eu achei bom (*risos*), aí foi que a bagunça aumentou mesmo. Então, resumindo a pergunta, eu nunca fui um aluno que gostava de estudar, de estar sentado e ficar na mesa estudando. Eu de novinho já gostava muito de música, então, na sala de aula, eu ficava batendo e mexendo, e isso deixava os professores meio irritados, sabe?

O meu filho mais velho, o Leonardo, tá tendo uma dificuldade danada, rapaz... E eu estou morto de feliz porque estou vendo que ele é meu mesmo, tá seguindo a hereditariedade (*risos de todos*).

Isabele – E como é que foi o primeiro contato com a música?

Waldonys – Então, eu bebi na fonte essa história do forró autêntico, do forró puro, forró de raiz, né? Que é Jackson do Pandeiro (*músico paraibano, grande divulgador do*

xote), Dominginhos (*músico pernambucano, um dos maiores acordeonistas do Brasil*), "seu" Luiz Gonzaga (*músico pernambuco, conhecido como "Rei do Baião", um dos maiores divulgadores desse ritmo, faleceu em 1989*), Marinês e sua Gente (*grupo de xote e baião comandado por Marinês*), Os Três do Nordeste (*grupo paraibano de forró pé-de-serra*), que eu vi novinho. Eles vinham pra Fortaleza e se hospedavam aqui (*refere-se à casa dos pais*). Era um show de sanfona, aquilo me impressionava! Então, isso tudo ficou muito gravado na minha memória. Assistia àqueles shows, o cara mostrando realmente a arte da sanfona. Eram artistas até, às vezes, meio circenses. Isso veio, lá na frente, a encaixar na minha carreira. Eu peguei um pouquinho do que eu vi na infância, no caso dos Três do Nordeste, do Sivuca (*músico paraibano conhecido como um notável instrumentista, faleceu em 2006*), do Oswaldinho (*músico fluminense conhecido como Oswaldinho do Acordeon*), que é um grande instrumentista, um show de sanfona.

Então, isso tudo eu fui vendo de pertinho. Aliás, eu não fui vendo, eu fui convivendo e, aí, não deu outra, né? Quando eu tava com nove anos, eu comecei a brincar no grupo do pai, tocando triângulo, tocando zabumba. Quando eu tava com dez anos e meio, eu peguei a sanfona do pai escondido. Quando ele saía pra trabalhar, aí, eu pegava. Com medo, porque, por conta das minhas peripécias no colégio, eu levei umas pias assim... bem acentuadas (*risos de todos*). O pau comia mesmo, sem pena, e eu tinha um medo danado.

Rapaz, vou dizer uma coisa, eu tenho 35 anos. Sou fabricação 72, modelo dois mil e alguma coisa, mas brincadeira... (*risos*). Eu nunca dei um beijo no pai, você acredita? Porque a criação da gente era assim (*rigorosa*). E eu sinto que ele hoje admira, se realiza no que eu faço, mas nós tivemos aquela criação antiga. E o pai era muito invocado mesmo. A ordem era federal, quando chegava o pai... A mãe era uma pisinha estadual, besteira, não doía (*risos*). Quando passava pro pai – quando repetia um ano, uma coisa assim, que isso pra mim era quase todo ano (*risos de todos*) – era violento. Então, eu tinha medo porque ele tinha o maior ciúme da sanfona. "Rapaz, eu vou pegar na sanfona aqui, e, se ele pegar, eu não sei qual vai ser a reação". Mas, aí, eu comecei com a vontade

A família de Waldonys é muito hospitaleira. Fomos recebidos com simpatia e muito sorvete nas duas visitas que fizemos à casa dos pais do sanfoneiro.

A mãe de Waldonys, dona Joana, é jovem e bonita. Inicialmente tímida, disse que nunca havia sido entrevistada, mas falou com a equipe por mais de uma hora.

O pai de Waldonys, "seu" Eurides, é bastante engraçado e simpático. Disse que não podia dar entrevista, mas conversou um bom tempo conosco e ainda tocou sanfona. Ele não pode ver um pequeno público que começa a tocar.

Dona Joana e "seu" Eurides formam um lindo casal. Eles se chamam de "coração" até hoje.

de chegar e mexer no instrumento. Aí, ele ia trabalhar, e eu ficava... Aí, comecei a tocar. Engraçado, isso aí não consigo explicar, é um dom, porque eu comecei sem professor, mas o ouvido velho não falha, e comecei a dedilhar ali as primeiras notas da *Asa Branca* (canção de 1947, de autoria de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira). Eu acho que eu deveria ter aprendido *Parabéns pra você* ou *Atirei o pau no gato*, né? (risos de todos) E eu comecei com *Asa Branca*. E aí, um dia ele chegou e me pegou com a mão na massa. Eu tomei aquele susto, ele chegou e me deu o maior apoio... Claro que não foi: "Ah, meu filho!", porque não tinha isso, mas só de não ter brigado, meu amigo... um grande sinal.

Thiago – Foi o primeiro sinal de afeto dele que você sentiu, quando criança, mais forte, mais próximo?

Waldonys – Não, não, também não estou pintando um pai... (frio), mas é porque era assim: quando ele era pra falar sério, o pau comia mesmo, não tinha conversa não, mas passeava, andava com a gente. Não era aquele pai de chegar: "Ah, senta aqui no meu colo", dar beijinho, "abracinho". Não tinha esse negócio. Não teve esse afago todo, mas deu apoio.

Aí, já colocou um professor pra me ensinar. Só que, com isso, veio a responsabilidade da minha parte. "Rapaz... agora eu tenho que mandar ver, porque se não...". Aí "pá" professor, o que foi ótimo pra mim. Esse cara, o Walmir, era antigamente de uma banda chamada Banda Um. E, na época dessa Banda Um, eram as bandas que eram legais demais. Nada contra as bandas atuais, as bandas de hoje. Eram as bandas (na época) que abriam uma festa, um baile. O artista vinha, fazia o show, depois a banda continuava, encerrava o baile. Hoje não, as bandas gravam CD's, as bandas são os artistas. Nessa época não, as bandas tocavam de tudo, anos 60 e tal... Então, tinha músicos muito bons.

No caso, o Walmir era um deles. O cara é muito bom, só que tinha digitações que ele não sabia fazer, mas sabia ensinar, entendeu? Aí, foi massa, porque eu era novinho, cabeça fresquinha, e com uma certa tendên-

"(...) não consigo explicar, é um dom, porque eu comecei sem professor, mas o ouvido velho não falha..."

Quando fala com os outros sobre a esposa, "seu" Eurides a chama de "minha joaninha".

O sanfoneiro Domingui-nhos, que é muito amigo da família de Waldonys, foi muito simpático ao telefone com a equipe de produção. Ele passou meia hora respondendo às perguntas. Em vários momentos, riu ao relembrar antigas histórias.

cia pro negócio. Ele também achava ótimo me ensinar, porque ele não fazia, mas ele ensinava, e eu fazia. Poxa, ele ficava morto de satisfeito. "Walmir, eu tô querendo aprender essa música aqui". Ele botava o LP ali, ficava ouvindo, tirava certinho. Não era uma notinha na trave não, era tudo gol.

lvna – E qual foi a importância dele para sua carreira?

Waldonys – Total. Eu acho que eu devo muito, muito, muito ao Walmir, porque, é o seguinte: foi o que não aconteceu com o pai. O pai nunca teve um professor, nunca foi a um conservatório, nunca aprendeu uma teoria, uma coisa assim. Então, ele nunca deslanchou. Sempre ficou limitado ali. Porque a música, também, é o seguinte: se você aprender errado, pra depois corrigir, é muito pior. Você já tem aquela mania da digitação errada. Então, às vezes, você pena um pouquinho pra aprender o certo, mas depois essa técnica que você usou pra aprender o certo vai te facilitar muito lá na frente. E o pai não teve isso, então, estacionou.

Giselle – Seu pai nunca obteve o sucesso que você conseguiu. Você acha que, de alguma forma, ele se projeta em você?

Waldonys – Eu acho. Eu acho que ele se realiza. Ele fica muito feliz quando assiste a um show. Quer ver ele ficar igual pinto no lixo? (brincadeira cearense significando que a pessoa fica alegre) Eu peço a ele pra passar o som. Às vezes, já tá cheio o ambiente. "Pai, dá uma testadinha no som, aí?". Ah, rapaz, eu não termino a frase, e ele já tá com a sanfona, testando o som, e fala no microfone, aquele negócio todo. Aquilo ali pra ele, parece que ele fez um show.

Diego – Quando você era pequeno, você tocava mais pra agradar seu pai ou pelo gosto mesmo pela música?

Waldonys – Aí, é que tá: os dois, porque existia uma vontade natural de agradar o pai, mas também eu tinha a minha vontade. Onde entrava em conflito isso... É porque o pai é alucinado por sanfona. Eu gostava de tocar, sempre gostei e tal, mas também eu queria um momento meu, pra ir brincar. Meus primos chegavam, num domingo, brincando de bicicleta, de skate. E chegavam uns amigos do papai. Ele dizia: "Waldonys, venha cá, vamos tocar aqui". Nesse momento, entrava o conflito, mas eu não dizia nada, né? Não era doido (risos de todos). Poxa, eu olhava os meninos passando, tudo correndo, brincando de bicicleta. Então, eu ficava meio fechado, às vezes, cara trancada e tal. Queria estar brincando, mas sempre gostei também de tocar.

Luciola – Waldonys, você acha que seria sanfoneiro sem a influência (musical) de seu pai?

Waldonys – Eu acho que eu seria, mas

atrasado, porque isso ajudou e muito. Eu acho que lá na frente eu iria descobrir ou não. Que eu seria um sanfoneiro, realmente, eu não posso te dizer, porque é uma questão de você descobrir. Eu posso contar uma história bem rapidinho?

Todos – Claro!

Waldonys – É a história do dom. Foi o Tom Cavalcante que contou essa história, muito engraçada! Ele disse que tinha uma igreja lá no interior, e tinha um sacristão. E o sacristão, não é o meu caso, claro, era analfabeto total. Aí, mudou o padre da igreja. Chegou um padre lá da Itália, poliglota, com mestrado, doutorado, o cacete, e o outro padre saiu.

Aí, o padrezão, todo cheio, chamou o sacristão: "Olha, é porque eu sou um padre muito conceituado... Qual o seu grau de instrução?". Ele respondeu: "Zero, não sei ler nem escrever". E o padre: "Rapaz, é o seguinte: tá aqui esse dinheiro e você daqui a um mês volte. Tem que pelo menos saber ler e escrever".

Aí, (depois de um tempo) ele voltou: "Não aprendi nada". O padre: "Sinto muito, mas você vai ter que sair. Mas tá aqui um dinheirinho pra lhe ajudar". Quando o sacristão foi saindo, voltou e disse: "Padre, eu posso montar aqui, na sua praça, em frente à igreja, uma banquinha pra vender fruta?". Aí o padre: "Pode botar".

Aí, ele trazia mamão da serra, e não sei o quê. Aí, foi vendendo. As beatas iam tudo comprar lá, porque o cara era sacristão. Aí, foi, foi, foi e aumentou. Alugou um ponto em frente, construiu um segundo pavimento, comprou uma F4000 (caminhão Ford).

Chegou uma hora que ele disse: "Eu tenho que abrir uma conta, não posso guardar o dinheiro aqui". Aí, chegou no banco, o gerente muito prestimoso: "Tudo bem, senhor? Senta aqui, senhor. Um cafezinho, água? Quanto é que o senhor tem?". Ele disse: "Aqui, 500 mil". O gerente já foi preenchendo a ficha dele. Quando termina, o gerente diz: "Assine aqui". Ele: "Não dá não. Só se eu tacar o dedão aí". O gerente: "Não sabe ler nem escrever? Rapaz, você é analfabeto? E construiu isso tudo? Já pensou se você tivesse estudado?". Ele respondeu: "Eu seria um sacristão" (risos).

Ivna – E como foi que você conheceu Dominginhos?

Waldonys – O Dominginhos foi o seguinte: eu já tava tocando e tal. Tocando uns forrós do Dominginhos, instrumentais, porque o Dominginhos é fenomenal! É como o Hermeto Pascoal (músico alagoano conhecido pela diversidade de instrumentos que toca). São pessoas que são fenômenos.

E, aí, eu soube que tinha um show do Do-



minginhos em Mossoró (município do Rio Grande do Norte, distante 285 km da capital Natal e 260 km de Fortaleza), e o pai tinha uma loja lá. Aí, nós fomos pro show. Saímos daqui, pegamos o carro, fomos bater em Mossoró pra assistir ao show do Dominginhos. Daqui pra lá, a gente ouvindo tudo do Dominginhos, os forrós mais cabeludos do mundo, mais difíceis que tem de tocar. "Porra, como é que o cara toca desse jeito?". Eu fui pra ver, mas eu sabia que eu não ia chegar nem perto, porque artista é bicho complicado, cheio de segurança, aquele negócio. "Rapaz, não vai dar, né? Mas vamos!"

Aí, quando chegamos lá, a maior coisa do mundo, porque o Dominginhos é a simplicidade em pessoa. Nós chegamos lá, foi superacessível. O cara passando assim no meio de todo mundo, não tinha problema. O Dominginhos é até simples demais, mas ele não tem jeito, ele é durão. Eu falo pra ele, porque eu trabalhei com muitos artistas, né? Graças a Deus! Então, eu comecei a ver, porque artista não é nada, é simplesmente você vender a sua imagem, e se você não cuidar da sua imagem... Não tô falando aqui pra pessoa ser boçal, mas você tem que impor um certo limitezinho. Tudo demais é veneno, já dizia minha avó. E o Dominginhos é simples demais, e isso estraga, mas só que naquele momento foi ótimo pra mim, porque eu cheguei, conheci. Não toquei pra ele, mas, por ironia do destino, pouco tempo depois ele veio a Fortaleza. Aí, sim, eu toquei pra ele. Daí nasceu uma grandíssima amizade, de pai pra filho, que dura até hoje.

Isabele – E, seguindo os conselhos dele, a dona Joana colocou você no Conservatório Alberto Nepomuceno (escola de música criada em 1938 em Fortaleza), mas você não ia às aulas. Assim como o colégio, não se dedicava muito às aulas....

Waldonys – É mentira, eu ia. (risos de todos) Porque é assim, o Conservatório foi bom, só que acontece é o seguinte – é que a mãe não ia comigo, ela não sabe –, quando eu chegava na sala de aula do Conservatório, ali tinha um monte de aluno que não tinha a menor tendência pra música, que tava ali porque a mãe pegou e disse: "Ah, minha fi-

Dona Joana mantém um pequeno museu em sua casa. Ela o chama de "meu cantinho". Nele, estão discos, notícias e fotos de Waldonys e de amigos sanfoneiros.

Apesar das reclamações da mãe, Waldonys sempre pegava coisas do museu e nunca as devolvia. Por isso, dona Joana o mantém trancado e somente ela tem a chave.

Entre as inúmeras preciosidades guardadas no "cantinho" de dona Joana, está a sanfona que Waldonys ganhou de Luiz Gonzaga quando tinha 14 anos.

A sanfona de "seu" Luiz é guardada em uma redoma de vidro, juntamente com a jaqueta e o chapéu do rei do baião.

O nome de Waldonys é uma homenagem a um irmão de dona Joana. Ela e o irmão eram muito unidos, e ele faleceu quando tinha cerca de 11 anos.

lha vai fazer balé, vai fazer piano, bota lá no Conservatório". E aí, o professor ficava meio que preso, porque ele tinha um ritmo lá a seguir, mas o ritmo, às vezes, ficava meio atrasado, porque aquelas pessoas... E, aí, eu e mais um, ou dois, três alunos lá que tinham uma tendência maior pegava muito mais rápido a matéria e tal. E a gente se sentia meio travado, entendeu? Porra, a gente sentia que dava pra adiantar muito mais, então, ficava meio chata a aula, sabe? Legal e tal, mas não deslanchava muito.

Aí, eu saí do Conservatório. Estudei ainda um tempo lá e saí. Eu peguei um professor tête-à-tête, chamado Tarcísio Lima, só pra teoria, porque o Walmir passava... (a prática). E esse cara entende muito, muito, muito. E, aí, foi ótimo, porque ele "arrochava" o volume de acordo com os meus ouvidos. Se eu ia adiantando, ele adiantava a matéria. Ele ia junto comigo. Então, a sua graduação é muito maior, né? Então, essa foi a grande vantagem depois do Conservatório. Aí, comecei a aprender com ele e a aprender com o mundo.

Thiago – E toda essa dedicação do seu pai na sua carreira, foi ele quem levou você pra Mossoró, sempre acreditou. Isso de alguma forma causava ciúmes nos seus irmãos?

Waldonys – Vixe, tu é doido? Demais! Principalmente no mais velho, e o mais velho... invocado demais. Ele achava – e não era, se fosse, eu dizia mesmo porque eu não tenho vergonha – que eu deixei de apanhar muito por causa da sanfona (*risos de todos*), e ele apanhou muito mais porque ele não tocava. Mas não era, era porque ele era muito mais danado. Aí ficava, né? "Porque o Waldonys não sei o quê... Quando vai apanhar, pega a sanfona". E nunca, nunca... Se eu tivesse eu dizia... Não lembro não (*risos*).

Ivna – Voltando pro Dominginhos, foi ele quem te levou pro Som Brasil (*programa de televisão dos anos 90, exibido na Rede Globo*), e depois gravou um disco, o Choro Cho-

"(...) o 'seu' Luiz tinha a preocupação da extinção do instrumento, porque não tinha jovens enveredando pelo caminho da sanfona".

Waldonys é casado há 12 anos com Luciana e tem três filhos: Leonardo, 11 anos; Livia, 10 e Luciano, 9. Os filhos são os únicos a apoiar sua paixão por avião, mas ele não costuma levá-los para voar.

Luciana e Waldonys são primos de 3º grau. Ela morava em Mato Grosso do Sul. Segundo dona Joana, Luciana passava as férias em Fortaleza, e, nessa época, o casal já paquerava.

rado (*disco de Dominginhos, 1994 – Warner/Continental*). O que Dominginhos representa na sua carreira?

Waldonys – Eita, é porque eu comecei dando muito mérito, e, merecidamente, ao Walmir, mas o Dominginhos, vixe Maria, passa de tudo, né? Porque é o seguinte: infelizmente, você tocar... Precisa de um padrinho. É um negócio assim que tem que ter. E, ao mesmo tempo, é uma "faca de dois legumes" (*referência ao dito popular*), porque, quando você tá com padrinho, que você consegue atingir algum ponto assim legal, aí, o cara diz: "Ah, é porque é afilhado de não sei de quem". Nunca é pelo seu mérito, e, se você também não tiver esse padrinho, é difícil demais chegar, é muito complicado.

Síria – Você sofreu com essa comparação, Dominginhos e Waldonys?

Waldonys – Total, sempre teve uma pitadinha de veneno no meio, mas você tira de letra, sabe? Se souber, se tiver uma presença de espírito boa, você vai escapando, mas você sente as pedradas.

Gustavo – Tem algum exemplo que poderia falar de alguma pedrada?

Waldonys – (*risos constrangidos*) Não. Tem, mas é porque eu não quero falar não (*risos*). O Dominginhos representa muito pra mim. Às vezes, a pessoa pensa que o cara vai dar uma travada, porque pode ser ameaçador, alguma coisa desse tipo, isso é o que acontece muito, né? A pessoa vê o cara se dando bem ali numa área, que é a sua área, e ele bota uma pedra em cima... Não, o Dominginhos não. Ele pega e leva e mostra e tal. "É meu afilhado e tá tocando bem...". Tá tudo o que ele fez por mim, de me levar pra São Paulo, de gravar o primeiro (*disco*), (*primeira*) vez que eu entrei no estúdio. Logo em seguida, eu entrei também com "seu" Luiz, mas foi através do Dominginhos que eu conheci o "seu" Luiz (*Gonzaga*). Na época, o "seu" Luiz tinha a preocupação da extinção do instrumento, porque não tinha jovens enveredando pelo caminho da sanfona. E o Dominginhos chegou: "Tem um menino lá em Fortaleza, assim novinho e tudo, e tá tocando, tá tocando bem". Aí, o "seu" Luiz "pá", numa conexão bem demorada, saiu do aeroporto e veio aqui em casa pra me conhecer, mas tudo por conta do Dominginhos. Entrar no estúdio e gravar o *Choro Chorado* foi legal demais.

Isabele – Waldonys, você disse que foi o Dominginhos que lhe apresentou o "seu" Luiz Gonzaga. Conta pra gente como foi o dia desse primeiro encontro, que ele veio aqui.

Waldonys – Foi massa, "seu" Luiz, né? Como eu disse, eu nasci e me criei vendo os LP's, ouvindo muito o "seu" Luiz. Ouvindo o

pai tocar e o meu tio cantar. Aquilo tava muito presente, mas com uma distância enorme, porque ele era o “Rei do Baião” e aquela coisa toda. E, aí, ver o “seu” Luiz entrando aqui em casa... Rapaz, foi um negócio marcante demais, né? “Poxa, não é possível”. Na verdade, você endeusa a pessoa, querendo tocar, fica querendo estar perto ali. “O cara é de verdade mesmo”.

Thiago – Você, com 12 anos, já tinha essa noção da grandiosidade de Luiz Gonzaga?

Waldonys – Já, porque eu convivi com isso aqui em casa. Era o pai idolatrando, todo mundo falando, onde chegava... Luiz Gonzaga é Luiz Gonzaga. Então, eu aprendi desde cedo o valor que tinha o “seu” Luiz. Dominginhos já era demais, mas, aí, é engraçado, né? A história da simplicidade. Com a simplicidade do Dominginhos, ele se tornou tão, assim... comum pra mim. Já o “seu” Luiz não. O “seu” Luiz, quando chegou aqui, foi um negócio arretado. E veio gente demais, e aquela coisa do mundo, o cara entrando e tal. Era o Rei mesmo. Forma aquela expectativa no telespectador, no caso, eu, que tava esperando. No caso do “seu” Luiz, no dia em que eu o conheci, já toquei pra ele. Depois, nasceu também uma grandessíssima amizade, porque o pai se desmanchou de carinho, de atenção com o “seu” Luiz.

Lucíola – Como foi no momento em que você tocou pra ele?

Waldonys – Nervoso pra caramba! Nervoso total! Mas graças a Deus, saiu legal. Porque isso mexe muito... É natural. Você tá nervoso, dá uma escorregada, uma notinha fora, dá uma erradinha. Graças a Deus, saiu tudo beleza, porque também eu já tinha tocado não sei quantas mil vezes esse mesmo repertório. Eu toquei um *pot-pourri* (expressão que se refere ao modo de executar várias músicas mescladas) de músicas dele. O *Algodão*, o *Último pau de arara* (começa a cantarolar baixinho a música pra lembrar o nome), *Paraíba* e *Que nem jiló*. Foram essas quatro músicas.

Gustavo – Waldonys, você sentia que aquele momento ia ser providencial na sua carreira?

Waldonys – Cara, não deu tempo, eu não pensei nisso não (risos). Eu não sei nem o que eu pensei no momento. Eu sei que eu tava diante do Papa, assim pra mim, da sanfona, né? E tocando pra ele, e ele muito bem sentado olhando e, aí, se admirou, né? Por quê? Por conta que o Walmir passou tudo direitinho pra mim e tudo moderninho, tudo com acordes já pra frente, nada quadradão, pé de galinha – como a gente chama sanfoneiro que toca assim só com os três pés de galinha (apenas com três dedos) –, usando

a digitação. Isso tudo impressionou o “seu” Luiz, graças ao Walmir. E ele: “Rapaz, aplicando as sétimas e não sei o quê”. E ele gostou muito da forma como eu toquei. Já me convidou para ir para Exu (*município pernambucano, cidade natal de Luiz Gonzaga*), no aniversário dele, 13 de dezembro.

Ele me deu uma sanfona. A sanfona hoje está guardada ali num aquário (*redoma de vidro que se encontra no quarto em que está o acervo de Waldonys*). Essa sanfona é de 120 baixos, uma sanfona de 120 baixos normal é desse tamanho aí (*aponta para uma sanfona grande*). Quando eu ia colocar uma sanfona de 120 baixos, eu desaparecia atrás dela (*risos de todos*), então, não dava. E o “seu” Luiz tinha uma sanfona de 120 baixos reduzida, que era uma raridade, não era muito comum, muito fácil de ser encontrada, e que dava certinho no meu pé, era o meu número, 120 baixos – quer dizer, eu podia fazer a mesma coisa com que a que eu faço hoje, é tipo o padrão – e reduzida, que dava certinho pra mim que era um menino. “Pega essa sanfona aqui”, ele disse. Muito, mas muito melhor que a minha, né? Eu saí de um Fusquinha para um Mercedes. Eu com vergonha, tímido. E seu Luiz: “Pode mexer, pode regular aí a correia”. Eu regulei pra mim, direitinho. “Agora toque”. Eu toquei um choro chamado *13 de dezembro*, composto por ele, que é a data do aniversário dele. E é um choro meio chatinho de tocar, sabe? Não é um negócio muito simples não. Eu taquei o pau, toquei o *13 de dezembro*. “E, aí, gostou da sanfona?”. Nem encarava ele, né? “Gostei, ‘seu’ Luiz”. E ele: “Mas gostou mesmo?” (*umenta o tom da voz, imitando a voz grossa de Luiz Gonzaga*). Ele falava firme, né? “Gostei, ‘seu’ Luiz, gostei”. Ele: “Encaixou bem no peito?”. Eu disse: “Encaixou”. Ele: “Então é sua”. E eu (*pensando*): “Não, ele tá brincando”. Então, eu não reagi como deveria ter reagido, entendeu? Porque eu fiquei... (*sem acreditar*). “É sua”. E eu ganhei realmente a sanfona, autografou no fole (*parte da sanfona onde o ar é comprimido*).

Foi quando eu fui pra Exu e tal, me levou pra São Paulo. Fui fazer show com ele em Iguatu (*município cearense distante 380 km de Fortaleza*), fui fazer show em um monte de lugar. Viajamos juntos, ele não tinha medo de avião, como o Dominginhos tem, mas ele gostava também de dar uma viajada assim de carro, parar na beira da estrada... E aquilo era muito legal, eu ver, conviver com aquele negócio. Chegar nos clubes lotados e tal, pôxa, aquele assédio, aquela coisa. Chegar o momento... Porque ele parava o show e me chamava... “Vou trazer um menino aqui, assim, assim, assim”. Legal pra caramba! Só

Segundo dona Joana, Waldonys noivou a primeira vez, de brincadeira, aos 14 anos. Sua primeira paixão foi a professora de alfabetização.

Waldonys brinca que gravou uma música de Raul Seixas especialmente para Luciana. Um trecho da canção diz: “... Se você pensa que eu sou seu escravo...”.

Waldonys contou que a esposa não gostou da “homenagem”. Assim que ele terminou de dizer isso, o telefone tocou, era Luciana.

Com 16 anos, Waldonys passou seis meses tocando nos EUA. Dona Joana diz que ela e o marido temiam que o filho chegasse ao Brasil cabeludo, tatuado e usando brinco.

Quando Waldonys tinha 10 anos, saltou de asa-delta pela primeira vez. Dona Joana ficou chorando de preocupação, mas ele adorou.

que não entrava como eu entro hoje, claro, né? Porque isso veio com o tempo, eu entrava tímido, escondido atrás da sanfona. Poderia ter aproveitado muito mais, mas só o tempo é que vai fazendo você amadurecer.

Edwirges – Waldonys, nessa época, com todo esse contato com Dominginhos, com Luiz Gonzaga, ele chegou a te chamar de moleque atrevido quando vocês gravaram juntos, você já tinha noção de que era tão bom ou se sentia inseguro?

Waldonys – Era bom, mas eu me sentia inseguro, porque eu tô dizendo, era muito tímido, e aquilo era meio chato pra mim, sabe? Subir no palco e tocar... não é como hoje, que eu me realizo, eu acho massa, sabe? Eu acho que eu não consigo viver sem... Eu já fico pensando lá na frente, porque tudo é uma fase na vida, isso vai passar, e eu tô vivendo intensamente o momento, até porque eu acho maravilhoso. Na época, eu não achava tão bom quanto hoje, porque (*pensava*): “Será que as pessoas vão gostar? Será que vai dar certo? Será que eu não vou errar? Será que eles estão querendo ver isso mesmo?”. Sabe, um monte de “será” que era meio travado, meio chato.

lvna – Mas você tinha noção do seu talento?

Waldonys – Eu acho que sim (*risos*).

Thiago – E hoje, no palco, você toca, você canta, você conta *causos*. Como foi essa superação da timidez?

Waldonys – Vixe, cara, não teve um estalo não, sabe? Eu acho que foi, foi, foi vindo com o tempo, foi acontecendo. Eu fui vendo as várias maneiras, e foi indo porque vem com o tempo, não tem jeito, é trabalhar, tocar com outros artistas. Três anos que eu fiquei com o Fagner (*cantor e compositor cearense*) como músico, né? E tocando ali, você vai vendo, você vai começando a pegar. Sem querer, você pega as coisas. Vamos então com o Zé Ramalho (*cantor e compositor paraibano*). Chega com a Ivete Sangalo (*cantora baiana*), toda extrovertidazona, esse jeitão dela legal e tal. Você começa: “Ah, rapaz, sabe que isso (*a timidez*) não leva a nada mesmo?”. O tempo vai te ensinando, não tem jeito. É a história da maturidade, você não amadurece

“Era bom, mas eu me sentia inseguro (...) Subir no palco e tocar... Não é como hoje, que eu me realizo”.

A aviação só reapareceu na vida de Waldonys por volta dos 20 anos de idade.

assim “tum” (*estala os dedos*). Tem Marisa Monte (*cantora e compositora carioca*), viajando e tal, no exterior. Tocar com o Armandinho, que ele já mostra um lado mais pop-rock. Você diz: “Poxa, eu acho que esse aqui é um caminho mais meu”.

A primeira vez que fui pros Estados Unidos, eu fui contratado por um empresário italiano chamado Franco Fontana, que me viu no Som Brasil, e era massa esse programa. Eu fiz esse programa cinco vezes. Uma vez eu fui com o “seu” Luiz Gonzaga e o Dominginhos lá no SESC Pompéia (*pólo que reúne teatros e uma ampla área de lazer*), em São Paulo, era gravado. Ainda hoje, quando eu passo lá, não tem jeito de eu não me lembrar disso. Uma fase massa! “Querida trazer um menino aqui e tal, do Ceará, que tá tocando e tal...”. Eu toquei, as pessoas gostaram demais, aplaudiram muito. Depois, a Globo me chamou de novo, eu fui. Chamou de novo, eu fui de novo. Chamou de novo, eu fui de novo. Chamou de novo, eu fui de novo. Quatro vezes. Um empresário, o Franco Fontana, me viu no programa e tava querendo um sanfoneiro novo pra ir pros Estados Unidos. E que não tivesse mulher, não tivesse filho... Todo esse negócio que atrapalha, às vezes, um pouquinho. Deu certinho, né? Foi pra mim o negócio. Só que ele tinha dúvida: “Rapaz, esse cara será que dá certo mesmo, será que presta, será que não presta?”. Ele tinha uma representante aqui que era tia do Caetano Veloso. Ela falou com “seu” Luiz: “Oh, ‘seu’ Luiz, um menino assim, assim, assim”. “Seu” Luiz: “O Waldonys”. Ora, eu, o afilhado dele... Ele “pá” avalizou, né? Falou com Dominginhos, Dominginhos também (*avalizou*). Ora, não deu outra, eu “pá”, fui embora pros Estados Unidos.

Gustavo – Foi fácil pra você ir?

Waldonys – Foi não.

lvna – Você tinha dezesseis anos, não é isso?

Waldonys – Tinha dezesseis anos. “Primeiro passaporte concedido com a autorização dos pais do menor” (*risos*). Porque assim, nunca nós fomos ricos e tal, mas a gente vivia relativamente bem, né? E eu tinha que sair da casa do papai, da mamãe, com os irmãos, com os primos todo fim de semana, com aquela estrutura ali. Eu tinha que ser arrancado dali e ir pros Estados Unidos sozinho... Pessoas que eu não conhecia, língua diferente, sem saber falar, nem pedir água em Inglês, nada, nada, nada. E eu tive que... Sangue no olho mesmo e vou embora. E o pai e a mãe apoiando.

Eu “tchuuu” (*imitando barulho de aviões*), embarquei pros Estados Unidos. Eu e uma mulher que foi comigo pra chegar lá e me apresentar, eu nem conhecia o cara. Chorando

do que só uma porra, fui. Quando cheguei lá, tá lá o cara, né? Franco Fontana, italianozão frio, de Nápoles, mafioso, que a mãe morre e ele nem... O cara não sabe o que é sentimento não, esse cara não tem coração não.

Eu tô falando demais, tô?

Todos – Não! (*risos de todos*)

Waldonys – Sim, cheguei lá, fui conhecer o pessoal que fazia o show, os americanos, todo mundo. “Pá”, sanfona no peito do menino. “Toca aí a música”. Eu (*pensei*): “Vou tocar a música aqui mais difícil que eu sei pra me amostrar” (*risos*). “Pá, blu, blu, blu” (*com as mãos finge que toca uma sanfona no ar*). O dedo só faltou cair da mão (*risos*). Quando eu terminei, os caras ficaram assim... “Você lê?” (*partitura*). Eu: “Dou minhas cacetadinhas, leio”. Endeusaram, né? Porra, foi massa. Pra você ver, se eu tivesse desmontado a sanfona como eu fiz, mas não ter uma teoriuzinha, pra eles... (*faz sinal com a mão indicando descaso*).

Eu me lembrei muito do (*Conservatório*) Alberto Nepomuceno, do Tarcísio Lima e tal. Quer dizer, eu não acho que o músico deva ser só teoria, que dá um vento, a partitura voa, o cara não sabe mais pra onde é que vai. Mas também não acho que só ouvido, só a música no sangue... É legal você ter um conhecimentozinho ali.

Se for pra escolher, eu prefiro no sangue, porque o Dominginhos é assim um negócio... Falando agora do Dominginhos, pelo amor de Deus! Por várias vezes, não foi uma, nem duas não, eu já vi maestros se curvarem. Chegam com a partitura: “tá aqui”. O Dominginhos: (*imita a voz grossa de Dominginhos*) “Sei ler não, senhor” (*risos de todos*). “Toca uma ‘vezinha’ aí pra mim”. O cara “pá”, tocava. Uma vez! O Dominginhos: “Ah.. Blurrrrrrum”. O maestro: “Porra! Como foi isso aí, como foi, pera aí, pera aí”. Queria escrever o que o Dominginhos fez. Ele fazia diferente. Dez vezes diferente. “Esse cara não é desse mundo!”. Agora, é muito raro.

Voltando pros Estados Unidos, toquei e fiquei lá. E lá eu convivi com muitos músicos e isso foi muito bom. Conhecer o acordeon como é que é usado lá no country, e aprendendo cada vez mais, porque a música, cara, não tem fim. É como o Sivuca uma vez disse no Projeto Asa Branca (*programa de educação profissional voltado para jovens de baixa renda e escolaridade, Natal-RN*), ele disse pra mim, e é verdade: “Oh, Waldonys, no dia em que o cara chegar pra ti e disser ‘Rapaz, porque eu peguei a sanfona ali e eu tô fazendo e acontecendo’. No dia em que o cara disser isso, ele nem começou. Porque não existe isso, não tem fim, você tá sempre aprendendo”. Então, foi isso que aconteceu

lá. Eu convivi com outros grandes músicos, comecei a ver também o outro lado da moeda, que os caras muito doidos, bicho, usando um monte de coisa lá que eu: “Vixe, Maria, lá no Ceará, lá em Fortaleza, não conhecia esse negócio não”. E os caras muito doido e tal, cheirando e fumando... o cacete! E eu.. “Rapaz, pelo amor de Deus, eu tenho um tio que é frei, uma tia que é freira também, venho duma família.. eu não vou cair nessa, né?” Pronto. E isso foi muito bom.

Eu vi grandes amigos e grandes músicos conseguirem assim, palácios, apartamento no Leblon (*bairro de classe alta da Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro*), “pá”... Tudo por causa de um arranjo que ele fez pra Elba Ramalho (*cantora paraibana*) que estourou. Eu não vou dizer o nome do cara aqui, e o cara ficou “beeeem” mais rico, apartamento, o cacete, carro novo, era assim direto, o cara entrou nessa. Cheirando e tal, bateu o carro, fez a maior merda, cheirando a família, acabou com a família, cheirou o apartamento, foi embora o apartamento, cheirou o carro... o cara se acabou. Hoje em dia, a gente se encontra com o cara, o cara colostomizado (*abertura cirúrgica de uma comunicação artificial do cólon com o exterior*). e tal, e eu: “Rapaz, sabe que eu segui o caminho certo?”.

Eu acho que vem do alicerce, da história da família e tal, disso aqui que é muito forte. E eu convivia com os caras lá e via que os caras, porra, não sabiam de onde vinham, nem pra onde iam, mãe e pai separados, o maior desajuste do mundo. E eu: “Rapaz, só pode ser isso”. E eu sempre fui muito, fora do palco, brincalhão. Quando eu criava uma intimidade com as pessoas, eu “brincava e era piadista” pra caramba e tal, e eles adoravam isso. Eu sempre soube conviver muito bem com esse tipo de gente, porque eu nunca fui contra: “Ah, tá errado, você tá errado”. Não, “Faça o que você quiser, você tá certo, eu também tô certo”.

“(...) não acho que o músico deva ser só teoria (...) Mas também não acho que só ouvido (...) É legal você ter um conhecimentozinho ali ...”.

Depois de praticar aeromodelismo, Waldonys passou a saltar de asa-delta. Um dia, caiu e fraturou o joelho. Ele conta que foi a maior dor que já sentiu.

Depois, ele passou a voar de ultraleve. Também se acidentou, faltando muito pouco para bater em uma mangueira.

Waldonys possui dois aviões: um vermelho, com assento somente para o piloto, destinado às acrobacias, e um branco, maior, com assento para passageiro.

Segundo "seu" Eurides, Waldonys faz loucuras quando voa. Uma delas é pousar em plena estrada porque teve vontade de comprar queijo.

Waldonys é um homem muito simples e solícito. Não hesitou em dar carona à equipe de produção em ambas as vezes em que fomos ao aeroclube.

Então, dividi quarto, por exemplo, com o Nando Reis, do Titãs: rapaz, foi um negócio, eu nunca vi aquilo, o cara doido e tal... Mas eu também respeitava e saía, passeava, ia ao *shopping* e voltava. E o cara trancado no quarto, mas doido, em tempo de pular, e eu: "Esse cara vai se suicidar aí, e a culpa vai ser minha". Tu sabe o que é o cara passar a noite todinha, tu aqui de frente pra televisão com o controle e o cara passando na tua frente nu?

Lá nos Estados Unidos, eu conheci esse lado da música que tem demais, né? Mas, graças a Deus, consegui conviver e consegui driblar na forma melhor possível, e, voltei.

Gustavo – Waldonys, lá nos Estados Unidos, como é que conseguia se comunicar com tua família? Quando se sentia mal ligava pra sua mãe, mandava cartas?

Waldonys – Ligava e mandava carta direto. Era escrevendo e ligando, porque era assim: a gente tocava quinta, sexta, sábado e domingo, duas sessões (*por dia*). O show era um show de duas horas de duração. Nessas duas horas, eu fazia 15 minutos, 20 minutos. Eu fazia um trecho do show, o trabalho realmente era pouco. Eu ficava mais lá era passeando, tocando, brincando com os caras. Então, segunda, terça e quarta era horrível pra mim, quando eu não tava passeando, no começo, né? Depois, não, é o tempo "véi" é bom demais. Você começa a se desligar mesmo e vai ficando tranqüilo, mas, no começo mesmo, tu é louco, no primeiro mês: "Eu quero ir embora! Tenho que ir embora daqui, isso aqui é um inferno!".

Thiago – E você relatava isso nas cartas pra sua mãe?

Waldonys – Demais! Eu usava até uma malandrangzinha, porque eu exagerava um pouquinho pra ver se eu vinha embora (*risos*), mas foi ótimo eu ter ficado. Se eu tivesse voltado, cara, teria perdido um monte de coisa.

Talita – E o que te motivou a continuar lá?

Waldonys – Rapaz, é porque as costas largas, e agüentando as chibatadas mesmo.. E fui ficando, ficando. Uma vez, eu falei até

"(...) tem uma pitada de cada um. (...) detalhezinhos que eu acho que vão carimbando a forma como eu entro no palco e toco".

Quando a equipe esperava a carona de Waldonys até o aeroclube, Isabelle e Gustavo tomavam sorvete. Waldonys chegou e Gustavo não havia acabado.

com o Fagner. O Fagner tava em Exu, e ligaram. E eu: "Rapaz, aqui tá foda e tal". Ele disse assim: "A saudade faz bem" (*imitando a voz de Fagner*). E eu: "É, quem tá aí falar isso é bom mesmo, quem tá aqui...". Fui ficando, fui ficando, acabei que eu fiquei uns oito meses lá e voltei contratado por uma gravadora. Quando foi pra eu voltar, o dito italiano, friozão... O cara, pra tu ter idéia, a mãe dele morreu, ele não foi pro enterro, porque tava o show rolando lá. "Morreu, enterra lá". Então, cara, ele não tinha noção do que era saudade. Eu dizia: "Seu' Franco, eu tô querendo ir embora", já tava contratado aqui da gravadora, mas eu nem falei muito do contrato. Ele: "Mas o que é? É o cachê que tá pouco? Eu aumento". Eu: "Não, não é. É saudade!". E ele: "Mas saudade, eu não entendo, cara, esses brasileiros são... eu não entendo isso. Saudade, que saudade?". O negócio dele é dinheiro, entendeu? Ele me deu a passagem de volta, disse: "Oh, eu não faço isso pra ninguém não, mas você vai lá e vê essa história dessa sua saudade aí. Depois, você volta". Eu: "Olha, eu não garanto não (*risos*), mas você tá me dando a passagem". Ele: "Não, se você não quiser voltar, tudo bem. Não tem problema." Mas me deu a passagem pra eu voltar. Eu vim. Ah, tu é doido? Quando eu cheguei aqui, ave Maria. Cheguei, "afilhado do Luiz Gonzaga chegando dos Estados Unidos", fui pra TVC (*TV Ceará, emissora de televisão*). "Agora tô artista mesmo" (*risos*). Pronto, fiquei por aqui, fui gravar lá o negócio da RGE (*gravadora*), gravei dois LP's. Tava perto de sair na rua pra perguntar se alguém me conhecia, pra testar minha popularidade (*risos*).

Thiago – Foi nesse período que você ficou conhecido como o afilhado de Luiz Gonzaga?

Waldonys – Acho que sim. Quando eu gravei com ele o *Aí tem (Aí tem Gonzagão, disco de Luiz Gonzaga, 1988 - BMG)*, o LP com a faixa Fruta Madura, em que ele me chamou de menino atrevido, os caras lá do Rio, os músicos, já começaram a me conhecer. Existe, uma panelinha, no bom sentido, no Rio de Janeiro, em São Paulo, de grandes músicos. E quando conhecem uma pessoa que tem uma afinidade, que faz um negócio legal, você começa a ser conhecido no meio, e isso facilita. E, também, você tem uma grande responsabilidade, porque se um cara diz: "Rapaz, eu conheci um menino assim, assim, assim..." Quando o cara chama: "Vem cá, menino, pra tu gravar aqui um negócio". Tu tem que fazer bem feito, porque senão o cara diz: "Ah, menino, é isso aqui que tu disse?"

Ivna – Na sua discografia, você faz muita referência a Luiz Gonzaga e o chama de padrinho. Mas Dominginhos também é seu

padrinho, por sinal, até de crisma...

Waldonys – Isso. *(risos)*

Ivna: Então, você é apadrinhado e aprendiz de quem? Quem mais impulsionou sua carreira?

Waldonys – Rapaz, eu não posso colocar a responsabilidade só em cima de um. É como eu digo, a gente tá sempre aprendendo. Por exemplo, essa história dos casos, de contar uma besteirinha aqui, uma piadinha aqui, uma coisinha acolá, já vem do “seu” Luiz. Então eu acredito que tem uma pitada de cada um e dá uma mexida, faz uma salada. Tem uma pitadinha do “seu” Luiz, tem uma técnica usada pelo Dominginhos, tem... Eu acho que, de repente, um pouco daquela postura do Osvaldinho com Armandinho, de tocar aquela guitarra baiana, de botar a sanfona meio de lado e tal... Pequenos detalhezinhos que eu acho que vão carimbando a forma como eu entro no palco e toco. De cantar, eu já puxei mais para o lado do Raimundo, o Fagner. Então, eu acho que quando eu tô ali no palco é meio que uma simbiose, uma mistura de todos eles. Mas tem muito do Dominginhos... Para batizar mais. Para dar uma porrada maior em um. *(risos de todos)*.

Edwirges – Como foi que você teve o primeiro contato com o Fagner, foi logo que você voltou dos Estados Unidos? Como foi esse contato?

Waldonys – Quando eu voltei dos Estados Unidos, eu gravei dois LPs, o *Viva Gonzagão* e o *Veleiros (dois dos primeiros discos de Waldonys, 1992 e 1993 – RGE)*. Me ligaram falando: “Vamos fazer uns shows com o Fagner e não sei quê...” E eu: “Bora...”. Danamos o pau. Fiquei três anos com ele. O Fagner nunca foi de fazer muito show, entendeu? De dizer assim: “Eita, esse mês nós temos uma porrada de shows!” Era mais assim, se ele tivesse um joguinho, uma pelada, ele deixava de fazer o show. *(risos de todos)* Fiquei com o Fagner esses três anos e só viajamos uma vez para fora, que foi para Portugal. Nós também fizemos aqui o Som Brasil *(programa de música da década de 90)*. Eu tava inclusive com a perna quebrada por conta de uma queda de asa-delta que eu tive. Tava com a perna engessada e com a calça por cima do gesso, andava a la Roberto Carlos *(cantor e compositor brasileiro)*. *(risos de todos)* Mas fiz o Som Brasil.

Nesse tempo da volta de Portugal, eu tava no Rio *(Rio de Janeiro)* e recebi uma ligação do pessoal da Marisa Monte. E eu não era fã da Marisa, entendeu? Eu nem conhecia. E falaram: “Olha, a Marisa está aqui no estúdio. É pra tu vir aqui”. Um carro foi me buscar e fui pro estúdio. E falaram: “É para tu gravar um negócio e tal...” Eu pensei: “Putá merda,

mas eu não conheço a mulher... *(risos de todos)* Eu vou chegar lá e não vou saber nem quem é”. Tinha quatro mulheres lá. Ela falou: “Ah, você é o Waldonys”! E foi assim, negócio de amor à primeira vista - amor no bom sentido - de grandes amigos, irmãos. E eu falei: “Boa noite, tudo bem?”. Fomos conversando, e ela falando: “Ah, Waldonys, vem cá, vou te mostrar...”. Eu pensei: “Olha, se ela me chamou, deve ser essa, as outras devem ser só coadjuvantes”. Ouvi alguém chamando e pensei: “É ela”. Ela disse: “Vamos ouvir aqui a música”. A música era Segue o Seco, do Carlinhos Brown *(compositor, cantor e percussionista baiano)*.

E foi massa, sabe? Rolou um negócio muito legal, porque ela foi falando: “Waldonys, eu tava pensando em um negócio assim...” *(Waldonys canta como Marisa queria que a sanfona soasse)*. E ela começou a fazer as frases e eu disse: “É comigo mesmo!” E eu fiz o que ela queria. Era o simples, era o mais complicado... Mas era o que ela pensava. Foi legal. Beleza! Acabamos, tomamos um café lá no estúdio e fui embora.

Passou *(o tempo)*... E eu ainda com o Fagner. Fiz só essa gravação e continuei tocando com o Fagner. Quando foi dois, três meses depois, a gente fazendo o Som Brasil, que era o Som Brasil que passava às terças-feiras. Terça Nobre Som Brasil, que foi inclusive gravado aqui no Parque do Cocó *(Parque Ecológico do Cocó, parque de preservação ambiental de Fortaleza)*. Um “showzasso” grande! Uma estrutura danada da Globo. Antes desse show, liga aqui pra casa a Marisa Monte. Ela em pessoa. Disse *(Waldonys imita a voz de Marisa)*: “Oi, Waldonys, é a Marisa. Ficou tão massa a gravação. O Gil adorou...” E eu: “Gil? O Gilberto Gil?” *(risos de todos)*. Eu fui começando a ver o tamanho da Marisa Monte. Porque, quando eu dizia pras meninas aqui, minhas irmãs e primas, elas diziam: “O quê?! A Marisa?!”. E Eu: “Rapaz, a mulher, parece que tem moral mesmo!”.

Depois, ela me ligou: “Waldonys, é o seguinte: eu queria lhe convidar para fazer a turnê internacional comigo. Nós vamos fazer Europa e Estados Unidos. São dois meses”.



Como não queria jogar o sorvete fora, Gustavo pediu ao sanfoneiro permissão no carro (limpíssimo) tomando sorvete. Waldonys, muito simpático, permitiu.

Todas as vezes em que a equipe de produção entrou no carro de Waldonys, seus CDs tocavam. O que mais chamou a atenção da equipe foi um álbum, ainda inédito, em que o sanfoneiro canta músicas de MPB.

Ele canta músicas de Raul Seixas, Almir Sater, Guilherme Arantes, entre outros. Waldonys mostrou com orgulho a música “Sonho de Ícaro”: “Voar, voar. Subir, subir (...)”. Contou que sonha em fazer um videoclipe da música, aliando-a à aviação.

A equipe de produção foi tensa para a pré-entrevista no aeroclube, pois não sabia se ia ter a oportunidade de voar.

Ainda no carro, Waldonys falou que o plano era que os três voassem. Isabele e Ivna começaram a rir de nervosismo.

Eu disse: "Tá, eu vou pensar". (*Waldonys escancara um sorriso enorme*). Quando eu desliguei o telefone, eu disse: "Putá merda! Vou viajar, numa turnê internacional com a Marisa Monte!".

Só que eu tava com o Fagner e eu venho de uma escola que me ensinou a deixar sempre as portas abertas, a gente nunca sabe o dia de amanhã. Eu disse: "Bom, como é que eu vou sair do Fagner?" Eu fui falar com ele e disse: "Olha, Fagner, eu gravei com a Marisa...E ela me ligou convidando para eu fazer uma turnê internacional. O que é que tu acha?". Ele falou (*Waldonys imita, com perfeição, a voz de Fagner*): "Você é que sabe... Só vou lhe dizer uma coisa, você vai viver na mão de secretária. Mas você é quem sabe. Pense aí". Eu disse: "Tá bom". Depois ele me ligou e perguntou: "E aí, decidiu?" E eu: "Rapaz, eu acho que eu vou fazer uma experiência... Eu vou."

Eu passei dois meses ensaiando no Rio (*Rio de Janeiro*), com a Marisa, porque ela é extremamente perfeccionista! É gente fina, é tudo, mas quando se trata de cuidar do trabalho dela... Sabe, é impressionante a mulher. Não desafina nem que empurre. Canta muito, sabe o que faz.

E ela namorava com o Nando Reis (*músico e compositor paulista, ex-guitarrista do grupo de rock Titãs*). Teve uma briga, porque o Nando Reis era casado e não sei quê... E se desentenderam quando faltavam quinze dias para viajar. O Nando não foi e deu vez ao Davi Morais (*compositor e guitarrista, filho do músico Moraes Moreira, já foi casado com Marisa Monte*). E no meio da viagem, lá na Alemanha, o Davi começou a namorar com ela. Eu disse: "Pô, Marisa, na banda tem um cearense e tal, e tu vai escolher o Davi Morais...". (*risos de todos*) Tava brincando, é claro. O certo é que nós fizemos vários shows. Porque tem artista que vai pros Estados Unidos, faz dois shows e diz que fez uma turnê (*risos de todos*). Mas ela, cara, fez muitos shows. Ganhei um bom dinheiro. Cheguei aqui meio que falando grosso: "Rapaz, já dá para eu casar" (*risos de todos*)

"O negócio é que eu sou esquisito mesmo. Eu tive que ser muito duro para chegar aonde eu cheguei."

A equipe estava disposta a voar, mas não foi da primeira vez que o passeio deu certo. Uma falha no avião foi responsável pelo adiamento do vôo.

Chegamos. Nós só fizemos um programa de televisão. Eu trabalhei três anos com ela. Foi o Programa Livre (*programa de auditório veiculado na década de 90 pelo SBT – rede de televisão*), com o Serginho Groisman (*apresentador*). Fizemos três músicas. E eu já tinha ido ao Programa Livre com o Fagner, tinha ido com o Dominginhos duas vezes e tinha feito uma vez sozinho. E quando a gente ia, era um especial, era o programa todinho a gente tocando. Até então, eu só entendia o meio artístico como todo artista querendo um espaço na mídia. Com a Marisa, nós só fizemos um programa e foram três músicas. Uma hora, eu estou passando em um corredor do SBT, e vejo o Leonardo Netto (*empresário de Marisa Monte*) com um dos caras do SBT dizendo que não tocariam mais nenhuma música. E eu pensando: "Épa! Estão indo embora todos os conceitos que eu entendia de que a gente quer mais espaço na televisão..." Uma hora, no camarim, eu disse: "Vem cá, Leonardo, o cara tava querendo fazer mais uma música e tu tava dizendo não?". E ele disse: "Era". Eu disse: "Rapaz, eu não acredito. Porque toda vez que eu vim aqui, foi o programa todinho". Ele disse: "Sabe o que é, Waldonys? Se eu quiser, eu boto a Marisa no Fantástico, no Faustão, em todo lugar, mas ela vira uma Carla Perez (*ex-dançarina do grupo É o Tchan*) e daqui a pouco ninguém aguenta mais". A Marisa veio e disse: "Oh, Waldonys, é o seguinte, existem duas coisas". E eu: "Eita pau, "perai" que eu vou arregalar bem os ouvidos". Ela: "Uma coisa é o sucesso, outra é o prestígio. O sucesso é muito difícil de ser feito e muito mais difícil de manter. E o prestígio, se você souber trabalhar, você tem a vida inteira".

Thiago – Além desse aprendizado, o que mais você trouxe dessa turnê com a Marisa? O quanto ela foi importante para a sua carreira?

Waldonys – Vixe, Maria, demais! O perfeccionismo então, eu peguei de cara, que isso já vem desde a época do Walmir, de aprender a nota certinho e tal, mas aprimorou mais. Mas abriu muito para mim, porque é o seguinte: imagina que se abriam as cortinas do Canecão (*casa de shows*), no Rio de Janeiro, e entra Marisa Monte, elite total, classe AA da MPB, e não tinha um tecladista. Entra um sanfoneiro do Ceará. O show inteiro é uma sanfona e um guitarrista como o Davi Morais, o baixista era o Dadi, que era do (*grupo*) A Cor do Som, é um cara muito bem quisto lá. Isso tudo foi muito legal para mim, porque eu tava junto com aqueles caras ali. E, por ironia do destino, eu comecei a ter um destaque muito grande na banda. Ela (*Marisa*) começou também a interagir muito comigo, a ponto de o jornal O Globo, do Rio,

preparar uma matéria de página inteira com o título: "O pop brasileiro redescobre a sanfona". E eu: "Putá merda!".

Quando a turnê veio chegando aqui no Nordeste, a Marisa começou a me dar mais destaque. Eu disse: "Rapaz, eu não tô acreditando, não". Ela chegou a ponto de sair do palco e me deixar. Dizia: "Eu vou deixar agora aqui o Waldonys, que vai fazer um instrumental". Mas chegou uma hora em que complicou o meio de campo. Quando chegava junho, eu tinha que fazer meus shows, mas não dava. Porque tudo tem uma fase. Você tem que descer do bonde na hora certa e na estação certa. Eu cheguei e disse: "Marisa, agora eu acho que já peguei o máximo que podia pegar disso aqui". Isso, sem ser egoísta, é claro, servindo também a ela, do mesmo jeito que foi com o Fagner. Diferente, porque ela foi um doce, só ficou lamentando. E eu tava morrendo de pena, porque a equipe inteira virou uma família.

Ivna – Waldonys, voltando um pouco para a sua carreira em geral, o seu pai sempre quis adicionar outros elementos aos seus shows, como dançarinas e outros instrumentos. Por que você nunca concordou?

Waldonys – (risos) Pois é. A gente tem, de vez em quando, não discussões, porque eu não posso discutir com ele. O pai é o pai. Mas eu procuro, da minha forma, passar por cima, porque eu não acho que seja para mim, entende? Eu acho que, de repente, ele peca um pouquinho em ir muito "na onda" das bandas. E eu: "Deixa as bandas, rapaz. Eu não sou banda". E eu acho que é exatamente isso que me mantém durante tanto tempo, é o diferencial. Se fosse por ele, eu botava teclado... Mas a linha harmônica da minha sanfona já é um teclado, eu vou botar um tecladista para quê? É a mesma coisa de botar outro cara cantando junto comigo. É só para fazer volume no palco? Até dançarina o pai já chegou a... (sugerir). Eu disse: "Você tá doido, rapaz?" Coloco não. Até porque eu acho que as pessoas estão carentes de ouvir música, elas só têm ouvido muita bunda. Nas bandas, tem mulher se jogando, joga a roupa e tal. Eu até gosto, mas para mim, não. (risos de todos)

Luciôla – E como você vê essas bandas de forró que estão fazendo sucesso atualmente?

Waldonys – (risos) Eu acho que a gente não pode generalizar, mas virou um negócio muito comercial, muito comercial. E isso, eu acho que não é bom, porque eu acredito que você tem que andar em cima do muro. Nem muito musical, que as pessoas não consigam entender, como Hermeto (Pascoal), por quem eu tenho o maior respeito do mundo, mas que atinge um pequeno público, porque

nem todo mundo entende a musicalidade dele. E você não precisa ser muito brega, comercial demais. Eu procuro ficar ali, em cima da linha. Tipo, tocar num forró e taca uma quinta sinfonia de Beethoven (*Sinfonia Nº5, considerada um "monumento artístico" de Ludwig van Beethoven – compositor erudito alemão*), não completa, que eu não sou doido... Mas dar uma pitadinha ali, sabe? De repente, faço uma salada musical, digamos assim. Porque, rapaz, é fogo! É sensibilidade demais, porque você tem que tá ligado no que é que as pessoas estão querendo naquele momento. Existe, mais ou menos, um repertório que eu traço. Não muda muito aquele repertório, mudam as entrelinhas. Então, por exemplo, eu tô ali, mas eu sei que lá no Kukukaya (*casa de shows de forró de Fortaleza*), o cara tá ali dançando, tomando umas, que tá a fim é de paquerar as meninas, então ele não tá a fim de ver se o cara toca muito ou toca pouco. Mas também tem o cara que gosta de ver um exibicionismo. Isso, com o tempo, você começa a aprender. Mas às vezes você erra. Às vezes, você vai ao show e o público não reage, e aí?

Isabele – E como é um bom show para Waldonys?

Waldonys: Show bom é quando o público tá ali, com sede de lhe ver. Tá ali, interagindo legal. Porque é um espelho, não tem jeito. Quando o público te recebe com carinho, você retribui da melhor forma possível. Rapaz, a sanfona pesa demais quando o público é ruim, aquele público morto... Parece que tá é numa missa de sétimo dia... E o show fica deste tamanho (*abre bem os braços*). Quando o público é bom, quando o show é bom, cara, passa tão rápido, que você mesmo fica: "Cara, já acabou?". E você se empolga e faz um "bis", um "tris", um "quadris"... Entende? Eu acho que é um conjunto: público legal, receptivo, um som bom, uma estrutura legal e astral. E isso, não tem jeito, quando eu entro no palco, é difícil não estar num astral legal.

Ah, "seu" Luiz (*Gonzaga*) me deu uma dica muito boa. Era um negócio engraçado que só. O "seu" Luiz era muito espirituoso. Ele disse: "Waldonys, é o seguinte, quando você for fazer um show, você olha pra mu-

"(...) eu acho que as pessoas estão carentes de ouvir música, elas só têm ouvido muita bunda".

O voo foi adiado para a segunda pré-entrevista, marcada pelo próprio Waldonys. Seu desejo era que fosse já no dia seguinte, mas o encontro teve de ser adiado.

No segundo dia no aeroclube, tudo estava pronto para o voo e Waldonys perguntou quem iria primeiro, mas ninguém se dispôs.

Como as meninas se negaram veementemente a inaugurar o voo, Gustavo foi o primeiro e adorou.

Quando Gustavo decolou com Waldonys, avisaram pelo rádio que a trava da porta esquerda não havia sido travada. Isabele comentou que não iria mais voar.

Isabele, que inicialmente não queria voar, adorou a experiência. Ficou viciada com as acrobacias e, quando o vôo terminou, não queria mais descer do avião.

lher mais bonita que tiver na platéia. Você faz o show para ela, porque você vai fazer o melhor que você pode fazer". E eu digo: "E é, "seu" Luiz?" E ele: "Tô lhe dizendo...". Às vezes, quando eu subo no palco, eu me lembro disso, sabia? O "seu" Luiz sabia dominar o público, sabia botar o público na mão dele.

Diego – Waldonys, como é que se dá o seu processo de criação musical?

Waldonys – Cara, é o seguinte, eu me reúno com os meninos (*da banda*)... A gente ensaia muito pouco, muito pouco, mas flui, tá entendendo? Às vezes, numa passagem de som, eu bolo... E lá no meu apartamento, eu fico bolando, estudando, vendo os melhores tons, a passagem de uma música para a outra, como é que a gente bola um arranjo legal... Porque, cara, é o seguinte, show é dinâmica, entendeu? Uma das coisas, claro, do show é dinâmica. É você saber entrar porrada. Tem que entrar: "cheguei", "pá". Só que você não vai agüentar e vai ficar sacal, e vai ficar cansativo, o show inteiro pressão. Então, lá no meio do show, tu dá uma relaxada. Aí, vai, vai... Dá um crescentezinho, dá uma relaxada...

Dinâmica eu aprendi com a Marisa também. Outra dinâmica, a dinâmica do cantar, entendeu? Eu reuni os meninos aqui outro dia, na gravação do DVD (*Vinte Anos de Carreira, primeiro DVD de Waldonys*), eu disse: "Olha, cara, vamos usar a dinâmica que eu me lembro do show da Marisa Monte". Vamos saber fazer a introdução porrada e na hora em que o cantor for entrar – o cantor, no caso, eu –, baixa todo mundo. No refrão, sobe todo mundo". Então, nós passamos aqui várias vezes, o resultado é outro. Porque no forró, normalmente, na zabumba e no triângulo, eles "sentam o pau" e isso afoga o cantor. E o silêncio faz parte da música. Isso, nós conversamos aqui numa boa. Mas o que eu acho legal também na banda que me acompanha é que ninguém é o dono da verdade. Eu não chego aqui dizendo que vamos fazer assim e assado. Um dá uma idéia aqui, outra acolá. A gente sabe acatar e sabe também não pegar sem dizer: "Rapaz, eu não gostei dessa tua idéia, não".

Gustavo: E essa simplicidade, essa forma de aceitar a opinião de todos, ela veio de alguma das suas parcerias ou de algum de seus padrinhos musicais?

"Quando eu subo no palco, eu não sou de ninguém. No palco, eu sou do povo".

Waldonys – Rapaz... Tem a simplicidade do Dominginhos, mas ele nunca precisou aceitar opinião de ninguém. Acho que isso veio de mim mesmo.

Isabele – Waldonys, a dona Joana nos disse que, no início, ela tinha muito receio que você seguisse a carreira artística, pois temia que o assédio das fãs trouxesse alguns problemas familiares. Em algum momento isso aconteceu?

Waldonys – Tem problema pra caramba, porque é complicado. O casamento já é complicado por si só. Você tem que saber administrar. É difícil, porque você mexe com gente. Então, você tá ali, recebendo uma fã, recebendo um carinho e beijando e abraçando e batendo foto... E paquerando, porque eu paquero mesmo. E eu digo pra Luciana (*Luciana Menezes, esposa de Waldonys*). Ela fica puta da vida comigo, mas eu digo. Quando eu subo no palco, eu não sou de ninguém. No palco, eu sou do povo. Então, não tem jeito, eu paquero, olho pra todo mundo, entendeu? Se não, trava. E isso é perigoso, porque você tá ali meio que exposto.

Edwirges – Waldonys, eu queria voltar um pouquinho. A Lucíola falou a respeito do forró que se faz hoje em dia. Como é com o Waldonys, com a musicalidade que você se propõe? Você se sente isolado, ou encontra outras pessoas que seguem essa mesma linha?

Waldonys – Graças a Deus, eu consegui ficar meio que num... Não é blindado, mas também não é num patamar, para não soar como se eu tivesse me achando mais do que alguém. Mas, graças a Deus, não me atinge muito a história das bandas, sabe? E eu acredito que eles devem achar que o Waldonys é uma mosca morta... Isso eu estou achando, porque os caras fazem mega-eventos e tudo mais. Só que eles não se preocupam com o amanhã, eles se preocupam com o ganhar e ganham mesmo. Eu acho, inclusive que, nesse ponto, eles estão certos. Porque os caras não têm uma linha a seguir. Eles não têm uma história. Já eu tenho uma história e tenho uma responsabilidade com essa história. Eu não posso mudar. Não é que eu não possa mudar, eu não devo mudar. Você já pensou? Eu, entrando agora no palco, cantando forronerão (*ritmo que resultou da mistura de forró com vanerão – ritmo da região Sul do Brasil*), com quatro dançarinas mostrando a bunda, com teclado e o cara gritando: "É o forró do Waldonys!". Sabe, não encaixa... E o bom é que, graças a Deus, não tem falta de show. Cada vez mais aparece, cada vez mais lota a agenda, cada vez mais é valorizado. Então, eu acho que isso vem com o tempo. Você vai conseguindo atingir o seu público. Apesar de ter gente que diga: "Ah,

Enquanto Ivna estava voando, outro piloto informou pelo rádio: "Waldonys, amanhã tem uma palestra, na Base Aérea, sobre segurança de vôo". O sanfoneiro disse que seria o primeiro da fila.

Waldonys, não é uma multidão". Mas é certo. Às vezes, você até já conhece a pessoa. Faz de conta que não conhece para se fazer mais de artista... *(risos de todos)*

E eu me preocupo em não repetir muito naquele lugar o show. Por exemplo, o Kukukaya. Eu comecei a ficar um pouco incomodado, porque tinha gente que perguntava em que dias eu tocava no Kukukaia. Eu pensei: "Vixe, rapaz, eu acho que estou tocando demais lá, se já tão me perguntando isso...". Eu reduzi a manete *(alavanca de aceleração dos motores dos aviões)*, entendeu? Tirei potência na decolagem. Dei uma segurada, porque tem outros lugares para se trabalhar. Então, a gente faz um rodízio, procura não secar a fonte e mostrar o trabalho em outros lugares. Então, isso me nivelou um pouquinho diferente das bandas. Mas, com isso, eu vi muitas, muitas bandas subirem assim... "pah", sucesso total. Depois faz assim... "zium" *(faz gesto de descida)*.

É um meio muito podre. Os caras derrubando os outros e dinheiro e jabá *(exposição na mídia em troca de dinheiro)*. Uns caras pagam para tocar e outros vêm e pagam para você não tocar. Então é um inferno. Mas, graças a Deus, eu tô ali, na minha. Você não pode se envolver nisso, porque, às vezes, a ganância cega. O cara pensa: "Porra, mas o cara tá lotando num sei aonde... Mucuripe *(Mucuripe Club, casa de shows de Fortaleza)*... Aviões do Forró... não sei quem do forró... Eu vou fazer igual". Ai, é o seu fim.

O que eu fico vendo de fora, assistindo de camarote, é que, às vezes, as pessoas acham que é muito fácil. As pessoas acham: "Ah, eu vou fazer também". Mas não é assim. Tem uma história que vem desde lá atrás, sofrendo, pegando o carro e viajando o Nordeste todinho, de rádio em rádio, com LPzão, na época, na porta das rádios. Eu chegava, o cara dizia: "Tá num momento esportivo". Eu pra morrer de fome na hora do almoço, e o cara: "Espera uma hora aí". Isso para dar uma entrevista numa AM lá na cidade não sei

de onde. E a gente lá, de rádio em rádio...

Isabele – Você já teve alguma decepção na música? Algo que te fez pensar em desistir?

Waldonys – Não, que fez pensar em desistir não, mas decepção tive várias. Teve uma banda, que eu fui fazer um show em Campina Grande *(segundo maior município da Paraíba)*... Graças a Deus, hoje, eu chego em Campina Grande, as pessoas já conhecem. Isso é muito bom, é muito legal quando as pessoas lhe respeitam. Mas na época, eu ia mostrar meu trabalho em Campina Grande e tinha uma superbanda lá, não ia citar não, mas vou dizer: Magníficos *(banda de forró paraibana, uma das primeiras a iniciar o formato atual de grandes grupos de forró com shows de grande produção)*. Pra você ver, hoje, a Magníficos já não tá lá essa bola tão cheia.

Eu fui tocar lá na casa de shows lá, Forró do Jatobá, grande a casa. Eu disse, eu ainda menino, meio tímido: "Rapaz, vamos ver o som. Pergunta como é, porque eu tenho medo". Aí *(o dono do estabelecimento)* ele: "Nãooo.. o som é da Magníficos. Não tem problema, eles cedem tudo, é a mesma coisa".

Chegou o dia do show, Jatobá relativamente bom de público. Eu disse: "Rapaz, dá uma molhadinha no bolso do técnico de som, porque eu conheço esse pessoal, e ele não tem obrigação de 'tá' fazendo o som para mim. Você dá um agradinho a ele que não faz mal a ninguém". Ele: "Não, vai sair tudo certo, não se preocupe".

Quando eu entrei no palco, pensa num som... Uma verdadeira merda! Mas não era pouco ruim não. O cara fazia assim *(gestos como quem regula um som)*. Ele aumentava a voz bem muito, mas bem muito, que dava microfonia *(faz barulho da microfonia)*. E você no palco não pode fazer cara feia, porque o público não tem culpa disso. E você sabe que está sendo prejudicado, que o cara tá acabando com você ali e não adianta xingar o cara que é pior. Você vai lá: "Meu amigo, baixa só um pouquinho a voz e aumenta

Isabele e Ivna passaram por entre as nuvens e chegaram a cinco mil pés de altura (o equivalente a 1.524 metros). Com Gustavo, Waldonys demonstrou dois pousos forçados na praia.



Enquanto Waldonys voava sozinho no avião de acrobacias, a equipe o perdeu de vista e, quando menos esperava, foi surpreendida com um vôo rasante por trás. Quando desceu, Waldonys brincou: "Eu vi gente correndo de costas".

O mecânico do aeroclube, Arnaldo Vieira, diz que Waldonys é o que mais voa e o mais apaixonado, considerando-o o melhor piloto do lugar. Tiago Martins, secretário do clube, confirma que o sanfoneiro é quem vai ao Aeroclube Catuleve com mais frequência.

a sanfona". O cara: "Ah, beleza". Quando eu voltava para o microfone, o cara baixava a voz todinha e a sanfona "uuuuaa". Uma hora de show, os caras desse jeito. A luz era um bico de luz. E o público assim... (*imita a cara de decepção do público*): "É isso aí?". Não acertou o som de jeito nenhum porque não quis, claro que a gente sabe que foi máfia, a famosa máfia. Acabou o show. Eu saí puto, eu desci do palco pro camarim sem querer falar com ninguém, danado, com vontade de chorar. Aí, entra a Magníficos, "uahhhh". Um CD, com a iluminação "uáááá" e tal. Os caras: "Porra, aí sim!". Rapaz, tu é doido, você vai acabado. "Destá", a gente se encontra lá na frente.

Ivna – Waldonys, Dominginhos conversando com a gente disse que se pudesse te dar um conselho, seria o de você sair do Ceará. Disse que já falou isso para você várias vezes. Por que você se nega a ir?

Waldonys – É porque o Dominginhos quer insistir nessa tecla, mas eu já fui para São Paulo várias vezes. Hoje em dia, acho que nós estamos em uma outra época. Aqui nós temos várias gravadoras, estúdios, televisões. Temos uma televisão, inclusive, que manda (*signal*) para um bocado de lugar aí. Eu acho que, aqui mesmo, eles não sabem a força que têm, que é a TV Diário (*emissora de televisão cearense*). Eu faço alguns programas nela, e em outras emissoras, e chegam em vários lugares por aí. Os caras: "Rapaz, te vi num programa na TV Diário". Os caras aqui ainda não têm noção da potência que é.

Hoje eu pego um avião e vou para São Paulo. Faço lá tudo, volto. Então, não sinto essa necessidade... Como antigamente, como o "seu" Luiz, como o Dominginhos, que era um mal necessário. Você tinha que estar no eixo Rio-São Paulo para as coisas estarem acontecendo. Eu fico no mundo.

Na realidade, eu gosto muito de Fortaleza, sempre que posso tô aqui em Fortaleza, mas eu vivo viajando. Fui agora para Recife fazer um negócio para a Globo Nordeste, quer dizer, na época do "seu" Luiz não tinha isso. Globo Nordeste era uma mera repetidora da Globo, e você tinha que ir para o Rio (*de Janeiro*) ou para São Paulo para aparecer no Nordeste. Hoje, engraçado, tem gente vindo do Rio para fazer programa aqui. As coisas mudaram. O Dominginhos fala isso porque não anda de avião (*risos*).

Diego – Waldonys, você se sente realizado na música. Há alguma coisa que você ainda não fez e que pretende fazer?

Waldonys – Eita, tem! Um monte de coisa. Eu me sinto realizado, mas, assim, com vários sonhos a serem ainda realizados, de gravar um novo DVD... As idéias vão fluin-

do com o tempo. Por exemplo, eu gravei o DVD, e, apesar de ter gravado em um dia, de ter dado umas panesinhas (*falhas*) técnicas, que depois nós corrigimos, fizemos milagre pro DVD sair – normalmente, a gente faz dois shows para gravar um DVD – na medida do possível, ficou muito bom. Puxa vida, e o outro DVD? Vou fazer outro DVD como? Qual a idéia? Porque tem que ir daí para melhor. Você tem que estar sempre se superando.

Síria – Na sua carreira musical, você decolou a partir do apadrinhamento do Luiz Gonzaga e do Dominginhos. Mudando um pouco de assunto, de onde veio a vontade de voar. Como surgiu essa questão da aviação?

Waldonys – Isso aí é complicado de te explicar (*bate na mesa nervoso*). Não vem da família, porque o pai não gosta e a mãe odeia. Há muito tempo eu sonhava, me imaginava um dia pilotando um avião... Aquela sensação de liberdade melhor do mundo! Não é hereditário, eu acho que vem de outra encarnação. Eu sempre sonhei, sempre quis.

Isabele – A dona Joana estava contando para a gente sobre a aviação, que não gosta muito. Ela contou de um pequeno histórico de acidentes, principalmente no início. O primeiro foi uma história bem engraçada, inclusive na manhã do seu casamento. Como foi?

Waldonys – Foi com aeromodelo. A aviação... Eu sou apaixonado, mas há quatro forças que atuam no avião para voar: o arrasto – que segura ele –, o empuxo, a sustentação e a gravidade. Mas, resumindo, esquece isso tudo, e o que faz o avião voar mesmo é dinheiro (*risos de todos*). Na ciência é assim, mas na realidade mesmo...

Eu ia sem apoio para o aeroclube e não era muito bem-vindo. Tinha uns caras que davam um canto de carroceria (*expressão que significa ato de desdém*) assim: "Quem é esse menino 'vêi'?" (*imita as vozes*). Então, eu tinha esse sonho, mas era um sonho meio que frustrado. "Rapaz, eu não vou conseguir. É negócio para quem tem muito dinheiro." Eu comecei a viajar, tocando com a Marisa (*Monte*), solteirão, ganhando relativamente bem, porque eu ganhava só para mim, fazendo muitos shows. Cheguei aqui em Fortaleza, de férias, tranqüilão. "Agora eu vou lá no aeroclube, já dá pra eu falar mais grosso, né?". Quando eu cheguei, eu vi um cara com um aeromodelo, um helicóptero, que eu nem sabia que existia isso. Eu fiquei apaixonado. "Porra, um helicopterozinho. Eu não posso ter um de verdade, vou ter um desses, né?".

Eu cheguei pro cara: "Rapaz, onde é que a gente consegue um bicho desse?". O cara já me conhecia de sanfona. Eu disse: "Pode pedir um pra mim". Esse cara tinha uma empresa

O nome do aeroclube, Catuleve, é uma referência ao rio Catu, que fica perto do clube. Este possui cerca de 75 sócios e mais de 40 aviões, todos particulares.

de ônibus, e era fissurado, o cara era fera. Ele pediu, montou para mim. E eu comprei outro, outro. Tinha três. Dizem as más línguas, os meus primos, que isso foi tudo forjado para eu não casar e não deu certo (*risos*).

No dia do meu casamento, ia ser à tarde, eu fui pro aeroclube com o helicópterozinho, a Luciana foi comigo. Cheguei lá de manhã, não tinha ninguém (*Waldonys havia explicado que para regular o helicóptero era necessária a força de dois homens*). Eu abri o capô do carro, botei dois cabos para tirar da bateria, tirei parafuso, tirei carenagem do helicóptero, isso tudo só para funcionar, só a partida. Funciona, eu acelerava. Quando tava bem acelerado, quase pra sair do chão, o bicho “zummmm”, apagava o motor. Rapaz, isso, com quatro vezes, eu já estava com o sangue fervendo, puto, doído para dar um chute no helicóptero. E a Luciana, que já me conhecia um pouco, viu que eu estava meio com raiva da situação e disse: “Acho que dá para eu segurar”. Eu: “Pois venha cá. Segura aí”. Rapaz, o bicho vibra, tem que ser um homem mesmo (*para segurar*). E dá um medo... Aquela hélice. Imagine tu chega bem pertinho num ventilador daqueles numa velocidade danada... Muito mais veloz. O barulho, aquele motor, o bicho “zummmm”. Ela disse: “Não dá, não dá”. Eu: “Pára! Bota no chão”. Eu pensei: “Eu boto ele no chão, vou acelerar até o meio, deixo o rádio aqui, vou debaixo do helicóptero, caranguejando, pego na agulha e regulo”. Eu fui. A hélice lambendo aqui (*fazendo gestos*) minha cabeça, e o barulho no pé do ouvido. Quando eu peguei (*na agulha*), eu acho que suspirei, foi quando a hélice bateu que nem um coco: “toc!”. Foi só um raspão. E o helicóptero caiu: “pá! zummmm”. Eu botei a mão na cabeça, levantei. E eu não posso ver sangue, que eu desmaio. Botei a mão assim, e aquele negócio quente escorrendo assim. Eu disse: “É sangue!”. E a Luciana: “Ai, minha Nossa Senhora (*imitando a mulher*)”. Ele (*o helicóptero*) cortou aqui, abriu o coco, o couro cabeludo (*saiu*). Nas costas, dois “lechados” (*cortes*). A Luciana só tinha visto as costas. Quando eu tirei a mão da cabeça, que ela viu o coco aberto, ela: “Meu Deus do céu”. E eu: “Bora, bora, bora”. Eu no banco do passageiro, e a Luciana não morava aqui... Eu disse: “Vou morrer aqui, e ela não vai saber chegar no hospital”. E eu: “Bora, bora, pisa, pisa”. E ela pegou a BR (116). Eu aqui, e ela dirigindo. Ela me dando a maior força: (*imitando a mulher*) “Afe, Maria”. Eu: “Putá merda, eu tô mal”. “Pá” e sangue aqui, e eu: “IJF, IJF, IJF (*Instituto José Frota, hospital público localizado no centro de Fortaleza*)”. A vista começou a... (*falhar*). Ela buzinando, rapaz,



parecia uma ambulância. A minha salvação foi que eu me lembrei: “Putá merda! O Antônio Prudente (*hospital particular de Fortaleza*)”. Eu: “Pára aqui, pára aqui”. Ela parou. Chegando na recepção, a mulher viu aquele “sangueiro”, perguntou: “O que foi?”. “Foi um helicóptero”. E eu não estava mentindo. E a enfermeira: (*imitando a enfermeira*) “Afe, Maria! Deita, deita, leva ligeiro. Lá vem o médico”. Mas eu não menti, era um helicóptero. “Acidente de helicóptero, como é que pode? Não saiu nem na televisão”. Costurou, anestesia e tal. Ficou a careca aqui (*na parte de trás da cabeça*).

O médico: “Rapaz, era um helicóptero mesmo?” Eu disse: “Vou dizer logo pro senhor. Foi um helicóptero mesmo, eu não menti, mas era um aeromodelo”. Ele: “Mas, rapaz! O Antônio Prudente todinho já sabia que um cara tinha se acidentado num helicóptero e chegou aqui andando”. Aí, eu vim, né? (*para o casamento*). Pegaram e fizeram uma peruquinha só para eu casar. Botaram um tampozinho aqui (*indicando a cabeça*), era um “mondrongo” mais alto, cara, ficava estranho pra caramba. Fui casar. O juiz lá, e eu assinei aquele negócio todo e tal. Terminou, o juiz fez assim (*bateu nas costas*): “Parabéns!” Bem em cima dos dois (*cortes*) costurados. E eu: “Aí, doutor! Excelência, pelo amor de Deus!”. A mãe: “Rapaz, é que ele sofreu um acidente de helicóptero. Foi hoje de manhã” (*risos de todos*). Sei que a história do helicóptero foi o primeiro de muitos (*acidentes*) que vieram depois.

Isabele – E a dona Joana conta que, a cada acidente, ela sempre rezava para que isso parasse, para que você desistisse dessa loucura por aviação, mas só piorava (*do aeromodelismo, foi para o ultraleve, depois para o monomotor, passando pelo pára-quedas*). O que te motivava a estar sempre se aprimorando na aviação, mesmo com tantos perigos?

Waldonys – Rapaz, eu não sei não. Sei que sempre gostei muito de ir um pouquinho mais além. Também não sou irresponsável. Sempre gostei de treinar muito. É estatística, cara. Se você voa todo dia, você está sempre mais exposto a um problema que um cara

No mesmo dia em que a equipe de produção voou, Waldonys saltou de pára-quedas. Ele desceu com uma aparente tranquilidade, mas disse que, mesmo depois de saltar mais de duas mil vezes, ainda sente muita adrenalina.

Waldonys contou que o dobrador é essencial no pára-quedismo e que uma dobradura errada pode fazer com que o pára-quedas não abra direito. “O dobrador mata o pára-quedista”, diz o sanfoneiro, que costuma dobrar o próprio pára-quedas.

Ao sairmos do aeroclube, uma menina na beira da estrada gritou: "Waldonys!". O sanfoneiro, sempre simpático, abaixou o vidro do carro para falar com ela.

O amigo e também aviador, Tom Barros, contou que o sanfoneiro é muito brincalhão no dia-a-dia. Quando menos espera, ele passa trotes por telefone aos familiares de Tom.

que voa uma vez por semana. Mas eu sempre treinei muito, muito, muito. Então, o que aconteceu, quando eu tive algumas surpresas, eu consegui sair, entendeu? As condições mais adversas possíveis, eu consegui escapar tranquilo. Às vezes, até sem estragar a aeronave, por conta dos treinos de emergência, por conta do curso de acrobacias também.

Ivna – E de surpresa boa qual foi o momento mais inesquecível na aviação?

Waldonys – Voar com Esquadrilha da Fumaça (*grupo especial na Academia da Força Aérea*). Voar com a Esquadrilha foi um momento assim... É como, imagina aqueles caras que são super, superfanáticos por religião e conhecer o (*Papa*) Bento XVI?

Lucíola – E como é que foi esse dia?

Waldonys – Rapaz, foi o seguinte. Eles vieram para cá e toda vida que eles vinham, que eu podia, eu tava dando o apoio possível e assistindo. O Tom Barros (*jornalista, radialista, locutor esportivo. Grande amigo de Waldonys. Também é aviador e freqüenta o Catuleve*) também é fã deles. Para quem entende da acrobacia aérea, sabe o valor que eles. São realmente muito bons. Para estar na Esquadrilha da Fumaça é só a elite da elite da Força Aérea. Então, eles vieram aqui fazer uma apresentação em Umirim (*município cearense distante 97 km de Fortaleza*). Aí eu deixei um microônibus meu à disposição da Esquadrilha. Eles acharam massa, mas fui eu que achei massa, só em saber que os caras iam andar no meu ônibus... Para servir a eles, peguei um carro particular, porque precisava dois oficiais irem antes. Eu disse: "Tá aqui o carro". Tudo, tudo na base da amizade. Isso eu sempre soube cultivar bem. Eles também sabiam da história do sanfoneiro voador, que meu negócio era sanfona, e o *hobby* era voar. A gente vivia os mesmos sonhos. A gente gostando das mesmas coisas fica bem mais fácil. Sabe do que tá falando. Veio o cara do *Must* (*Walney Haydar, apresentador do programa*) fez matéria com eles, e casou com a história do Hino Nacional no teatro. E

"Sei que sempre gostei muito de ir um pouquinho mais além (...) Também não sou irresponsável. Sempre gostei de treinar muito".

Tom Barros é quem costuma fazer a narração dos vôos de Waldonys.

Além da aviação, Waldonys também faz mágica, hobby que herdou do avô paterno. Durante a primeira pré-entrevista, ele mostrou que carregava, no bolso da calça, um pacote de cartas usadas para fazer truques de mágica.

tudo nós editamos, mandamos para eles. Por que qual é a função da esquadrilha? É motivar novos alunos para a Academia da Força Aérea, é divulgar o trabalho da Força Aérea, é mostrar a perícia. Então quanto mais divulga, mais eles gostam. E eu tô na área, né? É um toma lá da cá, digamos assim.

Pronto, os caras da Aeromagazine, que é uma revista de circulação nacional muito legal, chegaram: "Rapaz tem um cara gente boa, faz acrobacia, que é sanfoneiro e salta de pára-quedas. O cara é um total acrobático e aeronáutico. Vamos fazer uma matéria com ele". E eu: "Rapaz, é mesmo? Vamos, vamos". Fui para São Paulo. Comecei a bater fotos lá. O cara disse: "Agora vamos para Pirassununga (*São Paulo*), para Academia da Força Aérea". Beleza! "Então vou bater foto do lado do Tucano", pensei. Cheguei lá à noite, eles estavam chegando de uma apresentação. Peguei a sanfona, e eles tomando cerveja, e aí virou foi uma festa. Ficou uma irmandade muito grande. No outro dia de manhã, eles já sabiam, não tinham me dito, porque eu não ia conseguir dormir. Eles chegaram (*os repórteres*): "Waldonys vamos lá bater as fotos". Eu fui para um vestiário deles, botei macacão que eu tenho. Vesti o macacão e a sanfona e saí para bater a foto.

O cara, o ajudante de ordem, chegou lá: "Waldonys, o coronel Neves Neto, que é o comandante, pediu para você ir lá para o vestiário. Parece que caiu uma tinta lá, derramaram não sei o que em cima do seu tênis, lá". "Como é rapaz?". "Pediram pra tu ir lá agora. Foi uma merda lá. Caiu um negócio em cima da tua roupa". Eles já estavam com as câmeras todas preparadas. Quando eu fui, eles já tudo vinham atrás de mim, e eu eu não ando olhando para atrás, não sabia. Quando eu entrei no vestiário: "Putá merda"! Tava ali o capacete com a pintura da Esquadrilha e com as três letras W-A-L. Máscara de oxigênio, outro macacão, as botas, as luvas. Tinha também um papel timbrado da Esquadrilha da Fumaça dizendo assim: "Caro Waldonys, o que você gostaria de fazer hoje?. Opção A: almoçar no Mc'Donalds de Pirassununga. Opção B: estender a toalha na praia de Pirassununga e tomar um Sol - Pirassununga não tem praia, nem Mc'Donalds. Opção C: desfilar com os cadetes da AFA - Academia da Força Aérea. E opção D: fazer um vôo com a Esquadrilha da Fumaça." Cara, aí me arrepiei, né? "Pá", chorei feito um menino "véi". Eles adoraram ver a reação. Gostaram do cara vibrar com aquilo ali.

Pronto, beleza. Pensei: "Vamos voar". Pensa que é assim? Nada. Me botaram numa Kombi, fui lá para outro esquadrão. Adorei essa história para eu ver a seriedade da coi-

sa. Fomos lá para um setor médico, a mulher lhe mede inteiro, mas é inteiro por pedaços. E você tem o mínimo e o máximo de todas as medidas, e você pode ser reprovado. Por causa do acento ejetável. Você tem que ir preparado para utilizá-lo. Quase que eu era reprovado por causa do peso, mas pensei: "Não, eu como chumbo, mas não tem nem perigo".

A doutora assinou "apto" (*ênfatiza*). "Bora, agora vamos voar". Não, uma hora, um curso com acento ejetável. Tem uma cadeira lá especial, o cara te senta, te amarra todinho, bota a máscara aqui (*bota mão na boca*), dá uma apertada, ele te dá todas as instruções. "Se o piloto gritar para você, ejeta, ejeta, ejeta. Três vezes, na terceira, ele já foi. Não espere, ejetete". Eles começam a conversar, a perguntar como vai Fortaleza, não sei o quê, outro piloto passando diz: "Ejeta, ejeta, ejeta, pra ver se tu, né?". É reflexo. Eles te testam pra caramba, sabe?

E chegou a hora. Eu vi realmente o que é voar com a Esquadilha, é outro departamento. Porque fazer acrobacia já é um certo grau de loucura para as pessoas que não entendem. Eu faço acrobacias, mas os caras fazem acrobacias com sete aviões, um do lado do outro, colado! Mas numa maestria... Ninguém fala nada, só o líder: "Puxar um oito cubano". Parece que o cara tá vendo... "Puxei". E eu: "Uhhh vai bater, é agora". Eu já ia era ejetando, mas é muito massa. Terminou a apresentação, o cara que estava comigo, disse: "Comandante permissão para abandonar vôo de elemento", aquele em que o avião fica lado a lado. O outro disse: "Autorizado". "Tichuuuu". "Agora vamos dar uma arrojada só nós". "Pá", looping, não sei o quê. "Agora Waldonys, pega aí, sente a aeronave da Esquadilha da Fumaça (*passou o controle do avião para Waldonys*)". Chorei de novo. Show de bola!

Isabele – Qual foi o momento mais engraçado da sua história na aviação. O mais inusitado?

Waldonys – Eu fui para Acaraú (*município cearense a 255km de Fortaleza*) para fazer uma apresentação de acrobacia e depois tocar. Eu saí meio apressado daqui. É que na aviação, uma frase que não se pode jamais usar: "Eu tenho que chegar". Não, não tem que chegar não, não tem que chegar de jeito nenhum, não. Você vai chegar se der para chegar. Existe outra frase que é muito legal: "A aviação é o meio mais rápido de se chegar atrasado em algum lugar".

Então, eu decolei e fui sem GPS (*Sistema de Posicionamento Global usado para determinação da posição de um receptor na superfície da Terra ou em órbita*). Mas por quê? Porque eu também estava superconsciente



do que estava fazendo. "Acaraú fica no litoral, então, eu vou deixar o mar à minha direita, o sertão à minha esquerda. Não tem perigo, eu vou passar em Acaraú. Na hora que eu botar o mar à minha esquerda, eu vou estar indo para Natal (*capital do Estado do Rio Grande do Norte*). Quando eu ver o mar à direita, vou estar indo para Teresina (*capital do Estado do Piauí*)". Eu decolei, "tchum". Pensei: "Bom, pela minha velocidade, vai dar uns quarenta minutos". O vento estava mais ou menos e tal e eu "páaa". Só que na aviação é foda, quando vem a história do "se" é foda. Você começa a entrar em paranóia. "Mas se eu passar do município, meu combustível não vai estar tão 'assim' (*suficiente*) para eu voltar. E o horário também não está muito bom, eu não posso voar após 17:40min e já são umas 17:20min. Eu tenho 20 minutos".

Começa aquele negócio: "Rapaz, eu não posso passar dessa cidade, mas tem outra coisa. Acaraú não é na beira do mar, é um pouquinho pra dentro. Será que eu já passei?". E eu sozinho e tal, mas a maré tava seca, uma eterna pista, não tinha problema. Eu tava salvo e pousava onde eu quisesse. Eu disse: "Sabe o que é que eu vou fazer? Infelizmente, eu vou pousar e perguntar a alguém. Eu não vou perguntar como é para ir pra lá, eu chego e pergunto assim... 'Quem nasce aqui é o quê?' Porque eu sei onde é que eu tô, né?" (*risos*). Não aparecia ninguém, foi ficando deserto, e cinco minutos parecem cinco horas.

Lá vem, só vinha um cara. Pescadorzinho

"Eu vi realmente o que é voar com a Esquadilha (...) os caras fazem acrobacias com sete aviões, um do lado do outro, colado!"

No dia da entrevista, a equipe de produção chegou mais cedo que o resto da turma. "Seu" Eurides recebeu a equipe com muita simpatia e não se fez de rogado: tocou várias músicas.

O estúdio da casa dos pais de Waldonys, onde ocorreu a entrevista, é decorado com inúmeras fotos dele com artistas que participaram de sua carreira. O destaque, claro, é para Dominginhos e Luiz Gonzaga.

Em todos os momentos em que a equipe de produção esteve com Waldonys, o telefone do sanfoneiro não passou mais de dez minutos sem tocar.

Antes da entrevista, Ivna lembrou a todos que o celular deveria ser desligado. Waldonys riu e disse que pelo menos o colocaria no modo silencioso. A equipe de produção agradeceu...

com as redes nas costas e tal, eu disse: "É ele! Eu não posso perder esse cara de vista nem a pau." Eu baixei o avião, passei bem pertinho, e ele já olhando, porque o avião já passou baixo, né? Eu passei por ele, na hora que eu passei, eu puxei uma manobra assim (*fazendo com a mão*), voltei com o avião e pousei. Quando eu pousei, já fui desligando. A hélice parou, eu parei do lado dele. E ele andando, olhando e tal. Eu parei rápido, abri o canopi (*teto de acrílico da aeronave*) e pulei rápido. Quando eu pulei do avião, ele "puum" (*correndo*), chega o calcanhar batia na bunda, pé na carreira com mais de mil. Eu gritando na praia: "Ei, ei, ei". E ele correndo, olhou para trás: "Tu que é o dono tá com medo, 'avali-se' eu" (*risos*). Eu disse: "Não, eu tô querendo uma informação". Ele se acalmou. "Eu tô querendo uma informação. Acaraú?". Ele disse: "E esse bicho aí não diz o caminho não?". Rapaz, foi a maior sorte do mundo. Ele disse: "Três léguas, tu vai entrar pra cá..." Pescadorzinho danado, fez assim com o braço. Eu disse: "Putá merda, na mosca, três léguas, bem pertinho". Eu decolei, fiz o ângulo que o braço dele fez e "pá" Acaraú, cheguei. Mas o pescador eu acho que ainda hoje...

Diego – Waldonys, a aviação, infelizmente, não te trouxe apenas momentos bons, inusitados como você acabou de falar. Te trouxe também momentos tristes, como a perda de alguns amigos. Isso te fez, em algum momento, querer parar de pilotar?

Waldonys – Não, fez não. Dá assim, né, cara, dá um frio na barriga do tamanho do mundo. Não tem manobra nenhuma na acrobacia que faça sentir assim... O Lindenberg (*Major Lindenberg Antônio Austregésilo de Andrade, vítima de acidente aéreo em 2005, na base aérea de Fortaleza*), no caso, que era o piloto da polícia, do helicóptero do Cio-paer (*Centro Integrado de Operações Aéreas da Polícia Militar*), era um amigo, assim, irmão mesmo. Desses amigos que você vê todo dia, e quando você não vai na casa dele, ele vem na sua casa. Final de semana, então, nem se fala. Viagem e tal. Amigo, amigo mesmo, irmão. O cara era gente fina. No dia do acidente, ele passou lá no Catu. Eu tava

lá no Catu, ele passou lá com o helicóptero, pairadozinho assim, pairado é (*quando*) o helicóptero pára e não pousa, "rolverando" que a gente chama. Ficou brincando, fazendo continência para mim e tal.

Eu disse: "Ele vai pousar". E ele não pousou, ele decolou. Eu olhei para um amigo meu, que um ano depois veio a falecer também, que era o Mauro Célio (*amigo de Waldonys, falecido em acidente aéreo*), tava comigo lá. Eu usei até um termo, que a gente brincava assim: "Rapaz, filho da puta, foi embora. Vai ver, com certeza, ele teve uma ocorrência". Porque tinha ocorrência às vezes, assalto não sei onde. Porque sempre ele pousava, e nesse dia ele não pousou. E não teve ocorrência, ele tava indo embora, não entendi por que naquele dia não pousou.

Cara, quando ele saiu, eu peguei o Mauro Célio, a gente tava olhando o avião, mas já tinha terminado de olhar, vamos "simbora". Só fizemos entrar no carro. Deu dez minutos, eu já estava chegando em Messejana, o telefone toca. Coronel Zenóbio, era o chefe da Casa Militar. E ele não me ligava muito, não era homem de me ligar direto. E era um homem, a segunda pessoa do governador, digamos assim. E eu tinha uma amizade com ele, mas não era muito amigo. Então, ele não me ligava muito, quando ele me ligou eu fiz a maior festa, né? "Coronel Zenóbio, tudo bem e tal". Rapaz, ele cortou assim, cara. Coitado, ele ficou numa situação... Me ligando para dar a notícia. "Olha, Waldonys, tô ligando para dar uma notícia não muito boa não". "Que foi Coronel Zenóbio?" "Olha, tô num avião aqui do Governo do Estado, chegando em Iguatu, recebi uma ligação agora, que o helicóptero da polícia acabou de cair, e o Lindenberg "faleceu". Assim... "pá!". O cara acabou de passar, e eu sabia da técnica dele de pilotagem. Eu tinha certeza que aquele homem nunca ia morrer de acidente de helicóptero! Ele era muito preparado, mas muito preparado. "Mas não pode. É mentira e tal, houve um engano, não é possível". Rapaz, aí chinelei esse carro com o que dava, a luz acesa e tal, sem saber pra onde é que tava indo. Sorte é que peguei a BR, tava em Messejana, fui para a Base Aérea. Eu doido, doido, doido e me tremendo. E o Mauro Célio: "Rapaz, 'péra' aí, senão vai ter outro acidente".

Quando eu peguei o telefone, tinha o telefone da torre (*de comando*). Rapaz, eu vou ligar para a torre, rezando pra torre dizer assim: "Não tenho ciência". Rapaz, era um dia para o Réveillon. Eu peguei, liguei pra torre. "Comandante, aqui é o Waldonys que 'tá' falando", eu já meio nervoso, não tinha nenhuma formalidade, disse: "Pelo amor de Deus, o senhor me informa um acidente que teve



Durante a entrevista, Waldonys falou sobre as mães que matriculam as filhas no conservatório de música e no balé. A turma ficou em silêncio, pois Giselle se encaixa perfeitamente no perfil: fez piano e balé.

com o helicóptero da Polícia?”. O cara disse: “Afirmativo!” Eu disse: “E aonde?”. “Foi aqui do lado do radar”, era dentro da Base Aérea. E eu já tava no rumo. Aí eu entrei, passei por cima dos canteiros, cacete a quatro lá.

Quando eu cheguei, já tinham aberto uma clareira. Eu parei o carro, o Mauro Célio desceu, eu desci também. O primo do Lindenberg, que também era piloto da Polícia, saiu agora, tava chorando encostado no carro, chorando, chorando. E eu: “Dirceu, cara”. E o clima! Um frio na barriga filho da mãe. “Rapaz, eu não tenho coragem de olhar, não”. Eu entrei de mata a dentro, porque também não era muito longe não. Rapaz, quando eu cheguei lá, bicho, o destroço mais horrível do mundo. O helicóptero acabado! Eu: “Porra!” Eu que toda vida vi aquele helicóptero, parecia um troféu. Acabado, detonado, a coisa mais horrível do mundo. E os três corpos assim: um, outro e outro, quase como uma estrela. Tudo já com o pano branco. Eu ia logicamente ali, que ele tava os pés, tinha as botinas, o primeiro que eu fiquei de cócoras, que eu levantei a parte da cabeça, era o Lindenberg. O queixo assim... (*quebrado*). O punho quebrado. Um cara que há dez minutos tinha passado ali pelo Catu, e eu sabendo da vida dele todinha. Ali vem um filme muito rápido que passa na tua cabeça, da vontade que ele tinha de ter um filho – que ele teve com inseminação artificial, do primeiro aniversário do filho dele, da Betinha (*esposa do Major Lindenberg*).

Assim, eu não sou um santo e coisa e tal, mas o Lindenberg era assim, eu acho, eu acho não, tenho certeza, o marido que toda mulher queria ter. Um cara... fantástico! Amigo, gente boa, total. É nessa hora... (*suspiro*). Serve como lição também. Por que eu não pensei em parar de voar? Porque cara, se for assim... O tanto que morre de acidente de carro, eu nunca mais vou mais andar de carro. Eu gosto muito da aviação, mas me fez pensar mais e ver mais. Porque quando dá tudo certo, que você faz uma apresentação de acrobacia, que você pousa o avião e está ‘tá’ inteirinho, é tudo lindo. Mas, acontece aquilo que eu vi. E foi bom eu ter visto, porque isso serve também, no psicológico, para você se policiar. “Não, porque eu sou foda, eu sou o tampa, eu faço e acontece”. Na hora que dá uma merda, isso pode acontecer comigo. Então, na hora que você tá voando, que vai fazer uma manobra: “Rapaz, o Lindenberg era altamente preparado e aconteceu aquilo ali. Isso pode acontecer comigo agora”. Então, eu sei que não foi ele (*que a culpa não foi do Major Lindenberg*). Eu tenho certeza.

Gustavo – Waldonys, como a sua família reagiu a esse acidente?

Waldonys – Puxa, cara! O pai ligou. E já tava saindo na televisão. E eu lá dentro olhando os corpos. Violento o negócio. O pai me liga. Eu, embargado, não conseguia falar. E a pressão é grande. O pai: “Pelo amor de Deus, deixe isso. Eu vou lhe fazer um pedido: pare com isso!”. Aí, pronto, fica aquela pressão, e vai indo, vai indo...

Isabele – O Tom Barros mencionou que você, quando mais novo, se arriscava demasiadamente, e agora você tem mais prudência e tudo mais...

Waldonys – Eu acho que até por isso. Ajuda também. Outro cara, outro dia, nem era muito meu amigo. O cara era conhecido assim, ele se acidentou e morreu. Eu fui lá ao IML (*Instituto Médico Legal*). Eu fiz questão de ver, porque, é aquela velha história, ajuda por um lado. Eu vi aquela coisa feia, muito feia. E é bom você ver aquilo ali, no meu caso que eu arriscava um pouquinho, arriscava demais, porque aquilo servia de exemplo. “Olha aí, isso pode ser eu”. Então, hoje para fazer uma acrobacia, eu penso, repenso, “tripenso”...

Ivna – Waldonys, hoje você teve a oportunidade de relembrar muitas coisas. Diante de tudo que você alcançou na música e na aviação, hoje você se considera ainda um moleque atrevido?

Waldonys – (*risos*) Eu acho que sim. Eu estou sempre cheio de atrevimento, de novas conquistas e pitadas de repertório novo e de novos arranjos. Eu acho que isso tudo tem que ter um pouco de atrevimento, na medida do possível, e que não mude a sua história musical.

Thiago – A produção contou que você tem um CD com músicas gravadas de MPB. Aponta aí novos projetos nesse sentido?

Waldonys – Pois é... aponta (*risos*). Eu penso em gravar um DVD, mas, ao mesmo tempo, eu faço muito laboratório, entendeu? De tocar, e num show, discretamente, eu vou soltando, e sentindo a reação do público. Pra que eu não erre feio, é perigoso, às vezes, você mudar totalmente o seu estilo. Mas eu queria gravar um DVD assim, para ficar diferente do que eu fiz e pra mostrar exatamente que a minha história com a sanfona transpassa esse negócio do regionalismo, entendeu? Como eu fiz com a Marisa, quando eu vou gravar com o Armandinho, com guitarra baiana, não sei o que e tal. É muito perigoso, porque existem umas pessoas que são muito “gonzagueanas”, e que eu sou também, mas que eu não posso, sabe? Eu visualizo o “seu” Luiz Gonzaga como referência, mas eu tenho a minha história aqui que anda... Eu não posso ficar: “Não, uma zabumba, um triângulo, um gibão (*paletó de couro usado*)

Percebendo o constrangimento, Waldonys perguntou: “Ofendi alguém?”. Todos riram.

A entrevista durou cerca de duas horas e meia, e Waldonys mostrou-se bastante simpático e atencioso, assim como em todo o processo de produção.

No dia da entrevista, Tom Barros estava do lado de fora do estúdio, aguardando a saída de Waldonys. Ao final, apareceu e saudou a turma e o professor Ronaldo Salgado.

Ao final da entrevista, a turma foi almoçar fora em comemoração ao aniversário da colega Luciola.

A equipe de produção, exausta, não pôde comparecer e – mais uma vez – aproveitou a carona oferecida por Waldonys.

pelele vaqueiro nordestino) aqui, botar o chapéuzão de couro daqueles e tal". Tem gente que força um pouco para esse lado, mas não é a minha história. A minha história passou pela do "seu" Luiz Gonzaga, e eu o tenho assim como uma grande referência.

Isabele – Waldonys, música ou aviação, qual paixão é a maior?

Waldonys – Música. Música. Aviação tá ali, colado, na ala, mas a líder é a música.

Thiago – Falando de uma maneira geral, colocando tudo na sua vida, o que você tem de mais valioso?

Waldonys – Meus filhos! Meus filhos! É demais! Filho é um negócio fora de série. Fora de série.

Waldonys deu carona para Gustavo até o Eusébio (município da região metropolitana de Fortaleza). O sanfoneiro, acompanhado de Tom Barros, estava, mais uma vez, indo para o Catuleve.

Ao passar pelo cemitério Jardim Metropolitano, Waldonys diminuiu a velocidade e, dirigindo-se a Gustavo, disse, com pesar: "É aqui que o Lindemberg está descansando".



Não poupamos esforço para dar voz ao seu projeto.

A Liga Experimental é um projeto de Extensão que articula teoria e prática de forma crítica e criativa. Compreendendo a Comunicação como uma forma de diálogo e a Extensão como fundamental para a formação dos estudantes, buscamos dar visibilidade aos movimentos sociais, organizações não-governamentais e projetos da UFC, através da realização de projetos na área de jornalismo e publicidade.



LIGA experimental de comunicação

www.liga.ufc.br